

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura

A. Augusto de Miranda



Cenas da Aldeia



Iba Mendes
www.poeteiro.com

A. Augusto de Miranda

Cenas da Aldeia

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1909.

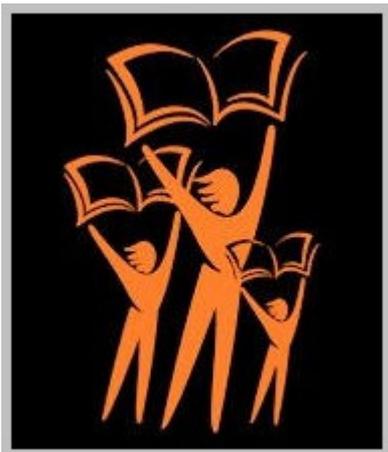
**Antônio Augusto de Miranda
(?)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 386



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Antônio Augusto de Miranda: “*Cenas da Aldeia*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

Ao Il.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Conselheiro Albano de Melo

Permita-me V. Ex.^a, confidente das vicissitudes que tem agitado a minha vida de ha sete anos a esta parte, que eu coloque o seu nome ilustre nesta página desta insignificante produção literária, que para V. Ex.^a só tem o merecimento de ser um testemunho de gratidão.

A. A. Miranda.

AOS MEUS PROFESSORES

Aos meus Condiscípulos

AOS MEUS AMIGOS

Meu amigo:

As resumidas linhas em que eu condensarei as impressões que da leitura do seu livro me ficaram não podem constituir, de forma alguma, isso a que, nas nossas letras, se chama — um prefácio. Serão apenas uma ligeira carta sem subtilezas de crítica profunda — a crítica que nunca soube formular, porque os críticos são personalidades todos de intelecto raciocinado e frio e eu sou um homem todo de emoções.

Esses críticos diriam ao meu amigo que as obras realizadas aos vinte anos não deviam ser atiradas aos alaridos da publicidade sem que primeiro os seus autores tivessem, além de um exato conhecimento da vida, completamente afinadas as suas faculdades de observação, e sem que o seu temperamento estético adquirisse uma perfeita sagacidade, para que depois, já em pleno triunfo, não se arrependessem dos inconsiderados impulsos da juventude. Eu, pelo contrário, digo-lhe que nenhum escritor deve envergonhar-se da sua atividade artística dos primeiros anos, mesmo quando na superior fluorescência do seu talento um dia sentir a viva ansiedade de ver como principiou. Os trabalhos da iniciação representam até um documento essencial para o estudo das inteligências evolutivas e ascendentes...

Não afirmarei que o seu livro seja impecável. Nem o meu amigo terá a vaidade de assim o julgar nem eu desfiguraria a verdade simplesmente para ser-lhe agradável — e isto pela viva simpatia que me inspirou. A novela, para que a ilumine a beleza, carece de unidade de concepção e de realização, da plasticidade e do vigor da forma, da perspicácia da análise psicológica, de destreza na modelação das figuras, da diversidade dos coloridos na pintura dos cenários: e estes dons apenas advêm da tenacidade disciplinada e do estudo, porque ninguém nasce com um quinto sentido capaz de tudo adivinhar e tudo compreender.

Não lhe esconderei, no entanto, que o seu livro me comunicou um certo prazer espiritual pela sua candura, pelo poético sentimento que entenece algumas páginas — que é o sentimento de uma alma pura e com finas delicadezas emotivas. Ora isto indica, no escritor que agora começa, um evidente talento ainda balbuciante mas que ardentemente deseja orientar-se e que virá a impor-se ás admirações se for animado por uma vontade sem desfalecimentos. E tão certo estou dessa vitória futura que desde já calorosamente o aplaudo, lamentando no entanto que para a sua apresentação se houvesse lembrado do meu nome humilde e sem autoridade para estas cerimônias solenes.

Porto, 5 de Abril de 1909
Amigo muito afetuoso
João Grave

PRÓLOGO

Ex-aluno de um dos seminários da diocese do Porto e atualmente estudante medíocre do liceu, dou à luz o produto de três longos meses de trabalho para a consecução do qual tirei instantes preciosos destinados à árdua tarefa de que depende a minha vida futura — tarefa tanto mais árdua, quanto mais consideradas sejam as minhas escassas luzes intelectuais.

Eis aqui, pois, uma obra que, apreciada por todos os lados, só tem valor por ser o fruto de um trabalho em que gastei, mormente durante um bom mês, uma parte do tempo precioso destinado às minhas lições. É apelando para essa atenuante que espero merecer a complacência do público em geral — tanto dos que convivem comigo de perto e que, vendo em mim um individuo sem aptidões para qualquer ramo do saber humano, vão ficar admirados da ousadia de semelhante passo, como dos que, sem nunca sequer me terem visto, esperam encontrar neste pequeno livro a sumula do valor de uma inteligência prometedora que começa a manifestar a sua tendência.

Á minha inaptidão vem juntar-se a inexperiência dos meus vinte e três anos; e assim é que o meu livro, fatalmente eivado de todas as espécies de imperfeições, só por uma disposição do leitor benévolo para uma extraordinária condescendência, poderá ser absolvido das faltas que inconscientemente cometi.

Abstenho-me de apelar para a complacência dos meus companheiros e dos meus colegas em geral, porque eles, mais que ninguém, avaliam as dificuldades com que eu deveria lutar para conseguir o meu intento.

Ha seis meses, aproximadamente, publiquei no *Correio d'Albergaria* um artigo sobre a vida do Belbuth, que subordinei ás Cenas da Aldeia, que eu declarei em preparação, mas que ainda existiam em projeto na minha mente. Passados perto de dois meses dei princípio ao meu trabalho e publiquei então no mesmo jornal um excerto sobre a transformação psíquica de Maria Luiza.

Por varias vezes hesitei se deveria continuar esta empreitada que me preocupava o espírito, desviando-o do cuidado dos meus afazeres quotidianos, e absorvia o melhor do meu tempo que eu não podia dispensar sem prejuízo das minhas obrigações.

Mas, quando no meu espírito se travava a luta da obrigação com a devoção, esta acabava por triunfar, coadjuvada por uma promessa que, de carácter inteiramente intimo, eu tinha feito um dia.

O meu livro está impregnado, na sua essência, de um pronunciado sabor religioso, porque julguei que, tirar à simplicidade da vida aldeã o sentimento

religioso, que caracteriza os seus costumes, era despi-la dessa graça original e tão cheia de poesia que lhe dá todo o seu valor; julguei que era arrancar à vida da aldeia a sua alma.

Obedeci a esse princípio, e não à gratidão com que retribuo a meu pai — um padre católico que obedeceu ao dever da sua consciência e do seu coração quando me perfilhou — os desvelos que um filho recebe de seu pai carinhoso. Nem tão pouco obedeci à doçura dos frutos que deveria ter colhido da minha reclusão de alguns anos num seminário.

Deste só me lembro com mágoa, quando considero a falta que me fazem os anos que lá gastei inutilmente. De resto, repressões, o pouco respeito com que os padres tratam um homem de vinte anos, etc., tudo isso lhes fica em caráter, e é tudo com o fim de amoldar ao seu o caráter dos alunos: finalmente, cumprem o seu dever, porque são, por assim dizer, uns criminosos inconscientes.

Deles só conservo um ressentimento: alimentarem animadversão contra a minha terra — Aveiro, talvez por causa das suas tradições de inimiga da hipocrisia.

Um, chegou a dizer numa aula, na minha presença — quando se discutia no parlamento o projeto do caminho de ferro do Vale do Vouga — que todos os que se deixaram levar pelas palavras de José Estevam foram uma corja de brutos — palavras textuais — porque a variante da linha férrea que então se construiu, além de acarretar enormes dispêndios à companhia, prejudicava imenso, por causa de uma terra *que não prestava para nada, sem valor nenhum*, toda esta região que ansiava pela execução do caminho de ferro do Vale do Vouga.

Tirado disso, não tenho deles ressentimento nenhum. Apenas tiveram, com o culto das suas virtudes, o poder de me abalar algumas [crenças] que levava arraigadas no coração, e de apagar outras. Se há quem diga que atualmente já se não fazem milagres, ou nunca houve quem os fizesse, engana-se.

Já vê, pois, o leitor, que sou religioso e sou cristão; não sou, talvez, católico, mas isso dá-se na maioria dos padres, se não na sua totalidade.

Ponto final sobre este assunto. Não vá o meu livreco parar ao *Índex*.

Terminando este prólogo, nada mais tenho a fazer que impetrar mais uma vez do leitor benévolo a sua complacência que, em vista das razões que expus, não deixo de merecer com alguma justiça; e, confiado em que a minha petição não será infrutífera, agradeço-a antecipadamente, e deixo aqui consignado também o meu agradecimento pelos preciosos momentos que o leitor haja de despender na leitura deste ensaio. (Aveiro, março de 1909)

CAPÍTULO 1

Na margem direita do Vouga, a cerca de doze quilômetros da sua foz, espreguiça-se indolentemente, numa série de formosos outeiros e encostas de suave declive, uma aldeia.

A vista das casas disseminadas, como que em montículos, por entre o verde das árvores e dos pinheirais numa extensão de mais de quatro quilômetros, sugere-nos a ideia de que Deus as atirara para cima da verdura daquelas colinas, como o lavrador atira a mão-cheia da semente à terra fecundante.

Mirando com galhardia do alto dos seus outeiros os lugares que lhe ficam próximos, ela parece sorrir-se com aquele sorriso de superioridade que uma mulher, cônica da sua formosura, lança àquelas que não receberam da natureza os dons com que ela foi dotada.

Bafejada pela amenidade do clima e pela limpidez e doçura de um ar diáfano, as suas melenas são brandamente agitadas pelo sopro suave duma aragem fagueira, e a fimbria do seu vestido, de um verde puro da vegetação do campo, é banhada pelas águas transparentes do meigo e terno Vouga.

Eis, em simples bosquejo, o que é essa aldeia que se chama Alquerubim.

Alquerubim!

Só o nome é bonito! Parece que nos deixa nos ouvidos um tinir semelhante ao de uma gargalhada inocente e ingênua de uma criança!

Pensareis talvez que estas palavras são a expressão espontânea do sentimento que me inspira, como a todos nós, a evocação da terra que me viu nascer.

Não.

Quando pronuncio a palavra “Alquerubim”, a minha alma não experimenta aquela sensação que nos faz pulsar de entusiasmo o coração quando pronunciamos o nome da terra em que pela primeira vez abrimos os olhos no mundo; porque não foi ali que sorvi os primeiros tragos de leite no seio materno.

Mas se não foi ali que lancei os primeiros vagidos, foi contudo onde a minha juventude deslizou suavemente como um murmurante arroio serpeando por um prado tapetado de boninas e violetas.

É por isso que, ao evocar esse nome, o sentimento que brota dentro do meu peito, se não tem o vigor patriótico, tem contudo uma doçura inexprimível — a saudade.

Nessa aldeia, uma saudade me ficou entrelaçada com os ramos de cada árvore; em cada rua, uma gota de sangue dos meus tenros pés feridos por uma pedra desligada da calçada; em cada salgueiro sobranceiro ao Vouga, um pedaço da minha alma... Por isso, ao recordá-la e ao contemplá-la, invade-me a mesma tristeza que invade uma pomba que, depois de ter, em manhãs frescas do verão, adejado mansamente sobre um campo tapetado de verdura, o vai encontrar, no inverno, sepultado nas águas.

Acaba de passar sobre o meu dorso o frio do meu vigésimo segundo inverno. Acabo de transpor o átrio do edifício que se chama — Vida. E, ainda que na primavera da minha mocidade, tenho contudo já sido açoitado por vendavais ferozes. É no meio das tormentas que tão cedo começaram de me assaltar, que eu procuro refocilar o espírito e fortalecer o coração nas doces recordações da minha juventude.

Ao fazer retroceder o pensamento por esse caminho orlado de odoríferas madressilvas e tapetado de violetas aromáticas, sinto que do meu intimo se eleva um não sei quê parecido com um fumosinho que vem condensar-se-me nos olhos. Lágrimas? Não. Não chega a formar gotas. Um nevoeiro que me tolda a vista, mas muito tênue, que eu considero o chorar da alma. Porque a alma também chora.

Nas horas de angústia, quando uma nuvem me obscurece o horizonte, percorro com o pensamento esses caminhos silvestres por onde tantas vezes andei horas esquecidas à procura de ninhos; suponho-me deitado na caminha de ferro que minha mãe comprara para mim e quando, aos domingos, ao ouvir o badalar do sino logo de manhãzinha, eu me levantava, lavava, e minha mãe ia ajudar-me a vestir a roupa nova para ir à missa; e eu lá ia, muito sério, ao lado de minha mãe, com uma bengalinha de bambu que me tinham dado, e depois da missa voltávamos para casa, eu almoçava e em seguida ia brincar, a maior parte das vezes para o campo, com os meus companheiros. Recordo-me destes com saudade, alguns dos quais, talvez mais felizes do que eu, já morreram, e outros, andam muito longe, alguns nem eu sei por onde, lutando com a vida, abreviando os anos da existência...

E nestas recordações sinto um bem-estar indefinível que, comovendo-me, atenuam os dissabores da minha vida presente.

Oh! Quem me dera voltar aos dias da juventude! Tornar a gozar a única felicidade que nos é dado gozar na vida!... Impossível! A vida tem o seu movimento como as águas do meu querido Vouga que vai morrer ao mar. Ele também não retrocede às suas montanhas para dali voltar, em suaves murmúrios, a beijar as melenas dos sinceirais o ouvir os doces cantares das camponesas em dias estivos e mitigar a ardência de tantos peitos apaixonados.....

Meu caro leitor, se és cidadão, se passas a vida na atmosfera doentia da cidade, vem comigo à minha aldeia. Aqui, neste paraíso, serás o Dante e eu serei Beatriz.

Verás maravilhas: mas não as maravilhas que nos fazem arregalar os olhos de espanto e que tens em abundância na tua cidade. Verás maravilhas da natureza que nos sensibilizam a alma e dulcificam o coração.

Serás conviva entre gente pobre, mas boa, nas suas simples refeições; serás testemunha e confidente de conversações despreziosas e íntimas de paz, sossego e alegria, à lareira, enquanto o vento zune lá fora e a chuva fustiga as folhas das laranjeiras e entoa, nas telhas grossas da choupana, a sua canção monótona; assistirás às festas íntimas dos simples, ao seu labor quotidiano, aos seus regozijos, às suas alegrias, aos seus pesares; palrarás com a gente do campo e estudarás a sua boa índole; espriarás a vista por horizontes muito extensos, por sobre montanhas longínquas; aspirarás a largos sorvos o ar purificado pela folhagem de centenaes de árvores, cruzado pelo esvoaçar de milhares de avezinhas silvestres e aromatizado pelo odor de miríades de florinhas espalhadas por estes campos além; e o teu rosto adquirirá as cores róseas das pintadas maçãs camoesas que aqui há em abundância.

Depois, quando voltares à tua cidade, levarás daqui profundas saudades; a tua alma, ao recordares os mil encantos que a eletrizavam, sentirá a mesma comoção que sentiu a do velho Horacio, quando este ínclito poeta, vendo-se sem a tranquilidade dos campos, disse — *ó rus, quando te aspicio!* — oh! campo, quando te tornarei a ver!

CAPÍTULO 2

O ano passado, numa manhã serena e fresca de maio, fui ao campo para ver nascer o sol.

Uma tênue claridade, precursora do dia, inundava já o ambiente da aldeia. O ar, sem um movimento, sem a mais leve aragem, conservava as árvores em completo repouso.

O mês de maio é um buquê formado de trinta e uma flores. Este dia era uma dessas flores, das mais formosas, de pétalas mais coloridas e frescas. Desabrochava garbosamente, acariciado pelo doce orvalho da madrugada.

Em frente das ruínas de uma casa pequena, envolvida num maciço de heras, cantava um rouxinol, pousado num sabugueiro. Parei, a ouvir os seus trinados.

Nos requebros das suas melodias, nas inflexões dos seus variados garganteios, havia um tão expressivo influxo de doce sensibilidade, um tão grande sentimento, que, sob a poderosa influência daquele silêncio — apenas entrecortado pela voz do rouxinol — que pairava em volta de mim, eu, em frente daquelas paredes derruídas pelas quais trepava um maciço de verdes heras, sentia-me infinitamente pequeno — mais pequeno que o rouxinol.

Absorvido na audição daquelas melodias que arrancavam à minha alma vibrações de uma indizível doçura, e contemplando as ruínas daquela casa que, talvez, outrora, tivesse sido uma mansão ditosa de felicidade e amor ou, quem sabe? de expiação para uma alma desditosa e amargurada, debaixo da ascendência que sobre a minha alma exercia a voz do rouxinol, eu tive o desejo de saber a história daquela casa; porque, com um rouxinol ao pé a cantar melopéias tão sentimentais que pareciam repassadas de pungente saudade, a entoar canções tão tristes como a solidão em que aquelas paredes estavam mergulhadas, ela devia ter a sua história, como a casa da Menina dos Rouxinóis de Almeida Garret.

Parece que o acaso capricha em deixar ao abandono, para não serem profanados, os santuários onde uma alma apaixonada, ou edificada na prática da virtude, passou as horas tristes da saudade na mais santa das resignações, palpitou-me que aquela casa devia também ter sido um desses santuários, e o rouxinol o músico, o cantor incumbido pelo destino de acompanhar e realçar com as suas melodias sentimentais aquele quadro de saudade...

Fui arrancado à minha meditação pelo ruído do rodar pesado de um carro de bois.

O dia aclarava progressivamente; por detrás da serra do Caramulo estendia-se já uma faixa afogueada, que cada vez se ia alastrando mais.

Era a “belíssima aurora, coroada de resplendores e lírios”, na frase de Vieira.

O rouxinol interrompeu a sua melopéia e fugiu do arbusto.

O carro aproximou-se: trazia um arado e uma grade.

Um homem, que reconheci ser o tio Luiz da Nora, vinha dentro dele, arrimado a uma aguilhada. Ao pé de si vinham dois rapazes: um, dos seus 14 anos, encostado ao timão do arado; o outro, ainda criança de não mais de 7 anos, encostado à sebe de vimes, as mãositas metidas profundamente nos bolsos do casaco que devia ter sido do irmão, pois não era cortado segundo as dimensões do seu corpo.

— Eh! Tio Luiz! Bom dia.

— Olá! Bom dia, sr. Antônio. Então por aqui já, tão cedo? — Oh! Pára aí, *loura!* Oh! *castanha!* — Isso é que foi madrugar, hein?

— Que quer? Eu gosto muito de respirar este ar fresco e puro da madrugada.

— Ah! é bom, lá isso é. Pois nós vamos ali abaixo lavrar uma terra para semear milho. Vamos assim cedo, que é para fugir ao calor; porque aí por volta das dez horas, ele já apoquentava bastante quem anda no trabalho. Lá os senhores, é como o outro que diz “se tenho frio vou-me aquecer, se tenho calor vou prá sombra!” e não sabem o que é andar a puxar pelo corpo debaixo de um calor de rachar!

— Não sei, mas calculo. Mas, meu amigo, você não sabe que todos os modos de vida têm os seus espinhos? Olhe que a vida do lavrador, apesar de laboriosa, é a melhor que ha! Diga...

— Ai! ai! ai! Se vamos...

— Espere! Diga-me lá uma coisa: você faz lá uma pequena ideia do que é uma pessoa levantar-se ao nascer do sol e dizer lá consigo: “vamos agora a ver que tal está o milho daquela terra que eu semeei há tantos dias; preciso agora de fazer isto, fazer aquilo”, etc., e, à noite, fatigado mas contente, dando graças a Deus por lhe ter feito nascer o milho, as ervilhas ou a erva muito bem, deitar-se sossegado do espírito — do espírito, que é o melhor sossego! — e dormir a sono solto a noite inteira! Você sabe lá quanto isso vale?

— Também não sei, mas calculo... Mas, se quer que lhe fale com franqueza, eu trocava com todo o gosto esta vida, que vocemecê está pr'aí a elogiar, por um empregosito que me desse cinco ou seis tostões por dia, sem precisar de calejar as mãos nem me ver obrigado ás vezes a levantar cedo com um frio de rachar as pedras. Isso! Isso ó que é uma vida boa! Mas, com'assim, quem nasceu prá isto, disto não pode sair. E vai a gente assim vivendo nesta vida tão regalada, como vocemecê lhe chama...

— Vê? Pois nisso é que consiste a felicidade: não nos importarmos nem ambicionar coisa nenhuma. Vive você resignado com a sua sorte, e não aspira a outra melhor, partindo do princípio que foi Deus ou o destino que assim determinou...

— Pois é isso mesmo. Deus quer, não há remédio senão sujeitar-se a gente...

— Ora supunha o meu amigo que lhe davam um emprego de quatro ou cinco tostões diários. Você, ao cabo de algumas semanas, começava logo a olhar com olhos de cobiça o emprego de um seu colega que ganhasse um ou dois tostões mais; punha-se a meter empenhos, incomodava-se a pedir a uns e a outros influentes políticos, arranjava o emprego, e, chegadas as eleições, lá tinha de ir

dar o seu voto pelo individuo que o favoreceu. Depois, quando tivesse adquirido uma certa convivência com essa gente *fidalga*, como vocês lhe chamam cá, o seu ordenado tinha de ser muito bem governado para chegar para as despesas caseiras e despesas de vestuário, etc., para você se apresentar decentemente em público. Entretanto ia já deitando o olho a um lugar mais vantajoso, isto é, mais rendoso; suponhamos que o conseguia, e você talvez não saiba que os empregos públicos, em regra, quanto mais bem pagos são, menos trabalho dão. Você ia-se habituando a ganhar cada vez mais, e a trabalhar cada vez menos. Começava o seu corpo a ressentir-se do torpor resultante da inação física, e aí estava o meu amigo e senhor Luiz atacado da mesma doença que ataca quase toda essa gente que só come boroa por desfastio. La tinha de andar com trinta mil cuidados com o seu corpo, não apanhar uma corrente de ar frio ou um bocado de sol, não comer de mais nem disto, nem daquilo, etc., etc., mil trapalhadas!

— Mas ao menos, ganhava dinheiro que chegasse para tudo isso...

— Podia ganhar e podia não ganhar. Olhe, meu caro: não há vida como a de lavrador. Creia! Olhe que eu digo isto com franqueza.

— Mas então porque é que o sr. não tomou esta vida?

A pergunta do tio Luiz deixou-me um pouco embaraçado, e pude tartamudear:

— É que... bem vê, o mundo é assim... Nós vamos para onde nos encaminham...

— Ah! Ah! Ah! Será melhor mudar de conversa; vou-me à minha vida, que está o sol quase a nascer. Para esta vida — acrescentou ele, rindo-se zombeteiro ainda do meu enleio — de que o sr. tanto gosta! Ah! Ah! Ah! Venha daí no carro até ali abaixo, quer vir?

— É verdade. Já o pudera ter feito, escusava você de estar a perder o seu tempo.

— Ora essa! A grande coisa! Suba! Suba! Eu é que me devia de ter lembrado deste oferecimento há mais tempo.

Saltei para cima do carro, segurei-me com uma das mãos à sebe e o tio Luiz, tocando levemente com a extremidade da aguilhada no lombo das vacas, exclamou, na palavra consagrada para pôr o gado bovino em andamento:

— Eixe!

O carro pôs-se em movimento.

— Diga-me cá uma coisa, ó tio Luiz: de quem foi ou quem viveu nesta casa, que ali está em ruínas?

— Esta casa? Aqui foi onde viveu, em solteira, aquela brasileira, ou, por outra, a mulher do brasileiro que mora acolá em cima na Herdade.

— Ah! Bem sei! Por sinal que até a vida dessa mulher em solteira é muito interessante.

— Coitada! Foi infeliz e causou bastantes infelicidades. Mas arrependeu-se, e depois o que sofreu e fez sofrer foi bem descontado.

— Mas o que acho esquisito é eu ter aqui passado tantas vezes e nunca reparar para a casa senão hoje. E estou meio impressionado. Diabo! Estou capaz de escrever a história da casa. Você que diz, ó tio Luiz?

-Ah! Ah! Ah! A história da Maria Luiza, que morou nela! Faz muito bem, e olhe que é uma história bem boa, além de ser verdadeira, que é o principal!

— Pois está dito. Não descansarei enquanto a não escrever. Mal ou bem, depressa ou devagar, ela há de sair!

— Ó senhor Antônio! olhe que eu depois quero também...

— Descanse, que há de ser você talvez a primeira pessoa que nesta freguesia há de tê-la.

— E isso levará muito tempo, ó sr. Antônio?

— Leva, leva! Vê que a minha vida não me permite dispor de muito tempo para isso. Com certeza que antes de três ou quatro meses não a escrevo. Depois...

— Sim, sim! É preciso também depois *imprensá-la*, e tudo leva tempo.

— Pois é isso. Antes de meio ano ou mais, você não a vê.

— Seja lá quando for! Mas que Deus não me mate sem a ouvir ler. E olhe que há de ser vocemecê que m'a há de ler, ouviu?

— Está dito.

O carro seguia por entre duas alas de salgueiros viçosos, cheios de orvalho, que rolava das suas folhas verdes como pérolas da mais fina transparência.

O Vouga, a uns duzentos passos, deslizava silencioso. Nas suas ribas semelhantes a dois grossos cordões que tarjavam o seu leito, os passaritos, esvoaçando e chilreando, numa alegria infantil, cantavam a alvorada.

Numa encosta próxima, a vidraça duma janela refletiu um clarão — era o sol que emergia por detrás da serra, cujo dorso gigante parecia em fogo.

O tio Luiz fez parar as vacas, e disse:

— Agora vamos à nossa lida.

Enquanto saltei, respondi:

— Vão, vão; que se não fosse eu, já vocês tinham um bom par de leiras lavradas.

— Que tem lá isso! retrucou ele bondosamente. Mal tínhamos tempo de pôr as vacas à charrua!

— Olhe lá! Que vem cá fazer o petiz? perguntei, indicando o pequeno que, lesto, saltara do carro e se preparava para fazer algum trabalho; não podia ter ficado a dormir?

— Quer vir, deixá-lo vir! É para se ir acostumando. Como já chega a uma prateleira que lá tenho na cozinha, diz que já é um homem. Que quer que lhe faça?

Quando me retirei — já o sol ia alto — o tio Luiz lá andava a revolver a terra, agarrado à rabiça do arado, o dorso meio curvado pelo esforço.

Preparava a terra para lhe lançar os grãos, cada um dos quais se multiplicou em dezenas deles.

Semeado naquela manhã formosíssima de maio, o milho nasceu, passados alguns dias, lindo e verde: lançou raízes, cresceu, desenvolveu-se; foi sachado, mondado, arrendado e, por fim, cortado.

Durante os meses que estive na terra, mereceu ao lavrador cuidados e caricias verdadeiramente filiais.

Trabalhos e fadigas, chuva e calor, tudo sofreu resignado, sempre na sua frente estampada a alegria e no seu coração a esperança... — A esperança de quê?

Nem ele o sabe, o lavrador.

Amando religiosamente a sua aldeia, ali vegeta sem ambições, idolatrando os torrões que seus pais regaram com o suor da sua frente, colhendo os frutos das árvores que eles plantaram, e plantando outras de que seus filhos depois colherão os frutos.

E, sem o saber, vive feliz. Deus compensa-lhe as horas de labor insano com instantes de suprema ventura, passados, sem preocupação de espírito, no doce convívio da família reunida em volta da lareira nas noites amenas do outono.

Todos os dias, à hora crepuscular da tarde, quando um sossego religioso repousa sobre a aldeia depois do toque cheio de ternura das Ave-Marias, a sua cozinha denegrida, mas alegrada pela claridade intensa duma robusta fogueira, transforma-se em um cenáculo onde reina a paz e o amor; a família inteira, colocada a magra mas abundante refeição da noite sobre a tosca mesa de pau de pinho coberta por uma grossa toalha de estopa, senta-se em volta radiante, semelhando os discípulos do Nazareno na noite da última ceia.

Entretanto, cá fora, cortando o sossego da noite alumiada pelo meigo luar ou pela claridade das longínquas estrelas, o sino da igreja começa a dobrar às almas, segundo o tradicional costume da aldeia, repercutindo-se o som de vale em vale, pelos campos além, penetrando os limites da freguesia vizinha, até se perder na solidão da noite...

CAPÍTULO 3

O tio José da Alameda era um bom velhote de perto de setenta anos.

Curvado pela dureza do trabalho de mais de meio século, dentro do seu peito rijo existia um coração sempre jovial e bondoso, cuja ternura se derramava em obras caridosas com que acudia aos infelizes, e uma alma cândida que logo se manifestava na ternura do olhar com que a todos envolvia.

Enviuvara antes dos sessenta anos e possuía dois filhos: o mais velho, mocetão de vinte e quatro anos, era um rapaz cheio de vida, alegre e bondoso, a flor dos mancebos da freguesia. O segundo filho era uma rapariga de dezoito anos — o terceiro filho do casamento do tio Alameda com a sr.^a Maria das Dores — chamada Helena, possuidora de uns olhos que — não é por eu gostar de olhos escuros em rosto moreno — lhe diziam tão bem, naquele seu troso trigueiro e encantador, que não havia rapaz nenhum na aldeia que não desejasse andar toda a vida perdido na escuridão daqueles olhos. E quando ria, deixava ver, por detrás de dois lábios nacarados que deviam ser doces como favos de mel, duas filas de dentes brancos como a neve pura.

A família do tio Alameda, além dele e dos dois filhos, compunha-se de um criado, rapazote de 17 anos, chamado Paulo, falador e alegre, que para ali tinha ido aos doze anos; e de uma rapariga de quinze, uma pupila que, órfã de pai e de mãe, encontrara nos braços do tio Alameda os carinhos paternais que tão cedo lhe faltaram.

Chamava-se Júlia. Tendo ficado sem mãe aos cinco anos, a infelicidade vibrara-lhe novo e mais profundo golpe arrebatando-lhe, no princípio da adolescência, o pai que a estremecia e que era o seu único amparo.

Foi então que a misericórdia do tio Alameda se patenteou deveras; porque o moribundo, reconhecendo que a sua pobre Júlia não podia ficar só no mundo, mandou, na hora extrema, chamar o tio Alameda e disse-lhe numa voz apagada e apertando nas suas mãos febris as do bondoso velho:

— Tio José... esse anjo, que aí está a chorar... vai ficar sem ninguém no mundo...

— Descansa, João; dizia-lhe o tio Alameda com as lágrimas nos olhos e limpando-lhe o suor que escorria da fronte ardente; descansa, que a tua Júlia fica na minha companhia.

O moribundo, em agradecimento, apertou-lhe a mão que segurava na sua que caiu pesada sobre o leito, e duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces mortalmente pálidas.

Desde esse dia, Júlia ficou fazendo parte da família do tio Alameda.

— Olha o que te digo, pequena — dizia-lhe ele carinhosamente uns dias depois da morte do pai. Tu agora és minha filha. Deus levou uma que eu tinha e mandou-te a ti em seu lugar: voltei a ter três filhos. Mas tu não hás de andar sempre a chorar! Isso são saudades, é certo, e as saudades dos pais nunca se acabam. Mas faze-me a vontade; eu não posso ver ninguém a chorar.

E o bom velho passava-lhe com carinho a mão pela cabecita loira.

— Sabes? Eu também chorei quando era novo, quando não conhecia ainda o mundo. Mas depois que comecei a tomar conhecimento deste mundo todo de enganos, deixei-me disso. Se fosse a chorar todas as vezes que tinha motivo para isso, então não fazia outra vida.

A contradizer as suas palavras, duas lágrimas lhe assomaram aos olhos.

— Olha: vem para a cozinha. Vem para junto da Helena que está a fazer a ceia, e espaiar-se.

E pegando-lhe docemente na mão, obrigou-a a segui-lo.

— Helena? chamou ele ao transpor a porta da cozinha; é preciso que o Belbuth venha cá hoje. Quando os rapazes voltarem do trabalho, o Paulo que vá ver se o encontra. Precisamos de nos rir um pouco com as suas chalaças, para distrair esta pequena, que não faz senão chorar.

Quem não conheceu o Belbuth, em toda a freguesia, ainda não há muitos anos?

Quem há aí que se não recorde desse velho, rijo como um pêro, e que contava cerca de cem anos quando morreu?

Aparecia em todas as casas onde lhe pudessem dar uma côdea e uma tigela de caldo, ou um ninho no palheiro para passar a noite, em troca de reduzir a achas o tronco duma árvore, sempre com aquela fisionomia austera e encarquilhada debaixo de um chapéu velho que cobria dois ou três barretes sobrepostos e enterrados na cabeça.

Chamavam-lhe tolo. Eu direi que era um “tolo com juízo”. Sim; porque trabalhava. Um homem que, para receber uma esmola, oferece o braço, embora vacilante pela decrepitude, ao seu benfeitor, tem o instinto de uma boa ação. E que melhor ação pode haver que o trabalho?

O Belbuth não era, pois, um tolo na verdadeira significação da palavra. Não fazia diabruras. Não se ria frequentemente e sem motivo, como sucede tantas vezes com quem se arroga de ter a massa encefálica em equilíbrio. Os garotos atiravam-lhe pedras; eu também lhe atirei algumas. E ele que lhes fazia? Por instinto de defesa e de conservação, pegava também numa pedra ou num pau, e atirava-o, com frenesi, pela estrada adiante, não reparando nos estragos que podia causar se viesse algum incauto. Era o único indicio vago de loucura que lhe conheci.

Os garotos, em regra, embirram com os velhos. Se estes dão *sorte* têm para peras. Era o que se dava com o Belbuth.

Tirado disso, era um velho austero que devia gozar, porque a merecia, a estima de toda a gente, em vista da sua idade avançada, e era, além disso, uma testemunha das guerras peninsulares, em algumas das quais tomou parte.

Era para estes homens que os governos deviam também estabelecer pensões. Dando frequentemente um ordenado supérfluo a um glutão, que passa a vida regaladamente, em paga de meia dúzia de assinaturas semanais — e às vezes nem isso! —, deixam morrer na miséria, depois de em vida serem escarnejados — somente porque eram pobres — homens que, outrora, no vigor da mocidade, perderam, por amor da pátria, o amor ao sangue que lhes corria nas veias.

O Belbuth era apenas um miserável, sem eira nem beira, possuidor dos farrapos que o cobriam e ganhos a trabalhar, tendo muitas vezes por habitação o céu estrelado, sob o qual dormia, muitas outras vezes, entre dois lençóis de neve.

Limitando o campo da sua vida de vagabundo à área desta aldeia, o Belbuth era um tipo popular de gênio diferente do de Luiz de Paus — um outro vagabundo

de espírito irrequieto, que vagueava ao acaso por esse mundo como um cometa errando no espaço, aparecendo de tempos a tempos no lugar de Paus, donde era natural.

Sobre este contam-se vários episódios, alguns com bastante originalidade, revelando o mau instinto do seu agente.

Conta-se que o Luiz de Paus aparecia com frequência, quando sofria crise o combustível do seu aparelho digestivo, pelo quartel de cavalaria 10 em Aveiro, onde era muito conhecido dos soldados, que lhe matavam a fome com uma parcela que cada um tirava à sua lata de rancho.

Um dia passou por uma guarita onde um soldado estava de sentinela. O Luiz de Paus aproximou-se, e, vendo a arma encostada — pois a sentinela estava a dormir — pegou nela e apresentou-se no quartel, tendo o pobre soldado do responder a um conselho de guerra.

Desde esse dia o Luiz de Paus nunca mais tornou a ter entrada no quartel.

Uma outra ocasião, foi ele tocar os sinos a rebate numa freguesia qualquer, alvoroçando o povo todo.....

— Olha lá, ó Belbuth! Tu namoraste alguma vez?

— Se eu namorei alguma vez? O quê?

— O quê! Uma mulher! Pois que havia de ser, homem?

— Nada! Tive sempre medo desses demônios!

— Porquê? Fizeram-te algum mal?

— A mim não, porque eu nunca lhes dei confiança. Depois que vi o que sucedeu a alguns companheiros meus por causa de tais mafarricos, nunca as pude ver. Quer saber, tio José, o que sucedeu um dia a um camarada meu por causa de uma rapariga?

— Conta lá.

— Aquilo, andam de combinação com o demônio! Um companheiro do meu regimento arranhou conhecimento lá com um desses demônios qualquer; quando veio ordem para o regimento partir outra vez contra os franceses, acolá para uma terra que já me não lembra, o rapaz desapareceu. Logo ordem para

ser procurado antes do regimento partir, por esses campos e montes. Partiram umas poucas de patrulhas para diversos lados, e eu fiz parte de uma.

“No segundo dia, foi a minha patrulha encontrá-lo num pinhal, ali para os lados de S. Pedro do Sul. Nós íamos perguntando se tinham visto um homem assim, assim: até que uma mulher, que andava a guardar umas cabras nos apontou um pinhal. Quando viu que não havia meio de nos escapar, pôs-se de joelhos diante de nós, a chorar tanto, que era uma dor d'alma!

“Prendemo-lo e trouxemo-lo, e ele contou-nos então pelo caminho que a tal desavergonhada é que tinha feito com que ele desertasse.

— E então que é dela? perguntamos-lhe nós.

— Essa maldita, como eu tinha de andar escondido, enquanto andasse em terras de Portugal, para me não conhecerem, enfastiou-se de tal vida e abandonou-me.

Pedi-nos então ele que o deixássemos vir à vontade, jurando que nos não fugiria.

Fizemos-lhe a vontade, e, na verdade, não nos fugiu; mas, quando passávamos por uma ponte, atirou-se abaixo, e já o não tornamos a apanhar senão morto.

Tivemos de dizer que o encontramos já assim, para não sermos castigados.

“E agora, diga lá, tio Alameda; eu, depois de uma coisa assim, podia lá olhar com bons olhos uma mulher?

— Mas elas não hão de ser todas assim! disse, a rir, Helena.

— Pois sim: não serão todas. Mas, como a gente vê caras e não vê corações, devemos jogar sempre pelo seguro; e quando se trata de mulheres, perde-se quase sempre!.....

CAPÍTULO 4

Era em setembro, num domingo em que se festejava o santo Estevam, cuja capela, assente na lomba do cabeço que se designa pelo nome do mesmo santo, domina, para o sul e nascente, um panorama gracioso entrecortado pela encosta de Travasso — uma encosta de aspecto taciturno, que olha com melancolia toda a região oposta simetricamente, sobre a qual se estende, beijada desde a manhã à tarde pelos raios do sol, a alegre Alquerubim.

Dessa lomba vê-se espreitar, por uma clareira entre Alumiar e a ponte da Rata, a região paludosa de que faz parte a magnífica e extensa páteira de Fermentelos. E para a esquerda, estendendo a vista por sobre o extenso planalto onde pousa a branca Mourisca, vê-se ao longe, desenhando-se nitidamente sobre o fundo azul celeste, a serra do Caramulo, com punhados de casinhas brancas a luzir no pardacento do sopé.

Nesse dia, o cabeço do Santo Estevam apresentava-se galhardamente revestido de alegres bandeiras que flutuavam à viração da tarde como um bando de pombas.

O sol, declinando no horizonte, despedia-se, atirando, como ternos beijos, raios de calor frouxo sobre o arraial onde a música de S. João, disposta em circulo, lançava aos ares harmonias que eram levadas, por sobre montes e vales, a uma grande distância.

Junto à capela, um rapaz de 24 anos, uma viola a tiracolo, encostado a um varapau, ria e conversava alegremente com um grupo de moças.

Era o João do tio Alameda, o rei dos cantadores destes sítios.

Causava gosto vê-lo chegar a um arraial, viola em punho, encostar-se ao seu bordão, e, depois de passar levemente o dedo polegar da mão direita pelas cordas da viola e ter dado três ou quatro puxões numa ou noutra caravelha para afinar o instrumento, começar a dedilhar um acompanhamento de fado. Punhasse a cantar e, entretanto, já cercado de curiosos, não tardava que uma voz feminina lhe respondesse de entre o circulo que o rodeava, e que logo se quebrava para dar passagem à atrevida cantadeira. Porque, na verdade, era um atrevimento bater-se com o João do tio Alameda.

A derrota era certa. Só havia uma que algumas vezes o levara de vencida: era uma rapariga troncuda, com um palmo de cara regular, muito alegre e expansiva. Era a Maria Luiza.

Havia quem dissesse que o João se deixava algumas vezes vencer por ela; e com certo fundamento se dizia isto, porque, no olhar com que a envolvia, tão diferente do que lançava ás outras, via-se claramente — porque o amor não pode estar em segredo — que ela não lhe era indiferente.

— Olhai! lá acabou a música! exclamou ele desandando para o meio do arraial.

Arrimou-se ao cajado, colocou a viola em atitude, dedilhou as cordas uma por uma, e, dando uma ultima demão à afinação, tirou um acorde.

Entretanto, uma compacta massa de espectadores o rodeavam — homens e mulheres, novos e velhos, ansiosos todos por presenciarem o debate do “rei dos

cantadores” com a Maria Luiza, a sua rival... Porque ela lá estava, fresca como uma alface e risonha e purpúrea como uma papoula, em frente dele que a envolvia num olhar todo afetuoso e terno:

— *Se tu soubesses, menina,
Quantas 'strelas há no céu,
Saberias quantos suspiros
Dá por ti o peito meu.*

A sua voz era sonora e forte e ele cantava moderadamente, de maneira a ser ouvido pelo grupo todo.

A Maria Luiza, fitando nele um olhar de vitória, respondeu-lhe sorridente:

— *Que importa o que diz um louco,
Se fala sem sentimento?
Cartas d'amor são papeis,
Palavras leva-as o vento.*

— Bravo! exclamaram do grupo.

— Sim, senhor!

— Responde-lhe agora, ó João!

— Essa chegou prá ti! Hein?

Ele sorria, como congratulando-se com a vitória do adversário.

— *P'ra que vais, pois, ao sermão,
Ouvir o padre pregar!
Palavras leva-as o vento,
Acabaste de o afirmar.*

— Ah! Ah! Ah! Salvou-se, o maganão!

Mas ela não se atemorizou, e replicou, sempre no mesmo tom:

— *Palavras santas, eu ouço-as
Com amor e devoção;
As que Satanás profere
Não me entram na coração.*

Quando terminou o debate, já o luar inundava o cabeça de Santo Estevam.

O arraial limitava-se ao grupo de curiosos, dos quais muitos tinham retirado, que rodeava os nossos joviais contendores.

O João da Alameda rendeu-se mais uma vez, isto é, Maria Luiza alcançou mais uma vitória sobre o invencível cantador que, no seu intimo, exultava com estas derrotas que, se lhe faziam perder terreno quanto à sua reputação de exímio cantador, lho faziam ganhar por outro lado.

Quando todos se retiraram, aos bandos, cantando, em alegre expansão do ardor da mocidade, o cabeça lá ficou, na solidão da noite, triste, com as bandeiras esmorecidas e a capela branca a luzir no alto, alumiado pelo frouxo luar que parecia querer minorar-lhe as saudades daquele ditoso dia que só se repetiria daí a um ano...

CAPÍTULO 5

Na vasta eira do tio José da Alameda haviam-se despejado quatro enormes carradas de milho para ser desfolhado numa bela noite, cheia de luar, dos fins de setembro.

O Paulo tinha sido encarregado de convidar as raparigas, do que se saiu otimamente, pois que afluíu ali o que de melhor havia no gênero no lugar.

Eram oito horas, e já uma boa dúzia de alegres moças estavam a contos com o monte, numa satisfação própria da mocidade em ocasiões de folguedo.

Alguns rapazes iam chegando também, chamados pelas gargalhadas das raparigas.

Não é uso convidá-los. “Eles cá virão ter” é a frase consagrada. Efetivamente, eles, de ouvido à escuta, colocam-se nas encruzilhadas. Ouvindo cantar ou chegando-lhes ao ouvido o alarido das vozes nas desfolhadas, aí vão como o cão de caça farejando o rasto do coelho até lhe dar com a cama.

— Eia! vamos lá a isto! gritava o João da Alameda, alapardando-se entre a Maria Luiza e a Joana Mulata. Isto é dar-lhe! Isto é dar-lhe! Em uma ou duas horas está tudo pronto! Havemos de bailar aí hoje até ao sol fora!

— Viva o rei dos cantadores da nossa terra! gritou um que chegou nesse momento encafuado num gabão.

— Viva! gritaram todos.

— Obrigado! obrigado! dizia com bondade o João. Mas olha lá, ó tu do gabão! Nós aqui não queremos caras encobertas. Tira o capuz da cabeça e senta-te

p'raí como os outros. Já todos sabem que aqui, ás nossas desfolhadas, só se vem de cara descoberta.

— E se eu não quiser? perguntou com fala ventríloqua o disfarçado.

— Se não quiseres, replicou o João meio azedo, vais já pelo caminho por onde vieste.

Todas as vozes se haviam calado, e o individuo retrucou, meio insolente:

— Ah! Ah! Ah! Sempre gostava de ver isso!

O João da Alameda levantou-se colérico sem atender aos rogos dos circunstantes nem ao gesto da Maria Luiza que, a tremer, lhe puxou pela jaqueta.

Os rapazes imitaram-no levantando-se prontamente, e seguiram-no dispostos a expulsar o insolente para evitar algum dissabor maior.

O João dirigiu-se ao atrevido e este, na ocasião em que ele estava a dois passos, atirou o gabão ao chão, dizendo risonho:

— Olá, patrão?

O João da Alameda, vendo na sua frente Paulo, deteve-se como se uma visão lhe houvesse de repente aparecido.

Ficou-se a olhar para ele, e todos com palmas, gargalhadas e motejos inofensivos, o decidiram a voltar para o seu lugar.

— Boa partida! Ah! Ah! Ah! gritavam de todos os lados.

— Olha o espertalhão do rapaz!

O Paulo ria-se e foi-se sentar junto do monte de milho, contente com a sua brincadeira que fez “ir à serra” o filho de seu amo.

O alarido restabelecera-se, e o João, fuzilado pelas chufas das raparigas, continuou alegremente a sua tarefa.

O número dos desfolhadores, aumentado pelos que iam afluindo ao local, elevava-se já a algumas dezenas.

O montão de milho, ripado de todos os lados por aquelas dezenas de mãos, desaparecia a olhos vistos.

— Ora Deus vos ajude, disse uma voz pausada e trêmula.

Era o tio José que chegava, acompanhado de Helena e da sua pupila, trazendo numa das mãos uma tripeça.

— Viva, sr. José!

— Então também vem tomar parte na desfolhada ao pé da gente nova, hein?

— Com'assim!... É para me recordar dos meus tempos passados.

Entretanto ia-se ajeitando na tripeça, entre Helena e Júlia que ficara junto a Paulo, e prosseguiu, puxando por um pé de milho:

— Porque um homem, quando chega à minha idade, que outra coisa pode fazer, para se não entristecer e não pensar na morte que se aproxima, do que alimentar o seu espírito com recordações dos tempos passados, fingindo-se ainda nesses tempos que foram e não voltam?... E será este o último, quem sabe?... — ajuntou num tom contristado, dando um suspiro.

— Aí vem o pai com coisas tristes! disse do lado, estouvadamente, Helena. Não se quer cá tristezas! Quer-se alegria! Ora tapa a boquinha ali ao pai com uma cantiga das tuas, ó João!

Todos aprovaram a ideia de Helena, e o tio José, sorrindo bondosamente, submeteu-se.

— Sim, sim! Uma cantiga! diziam.

— Muitas cantigas, muitas, ó João!

— Haja animação! Viva a mocidade! Eh! rei dos cantadores! Sai-te com uma das tuas!

O bondoso rapaz, encolhendo os ombros em sinal de resignação, preparou-se para cantar.

Todos se calaram. Só se ouvia o murmúrio produzido pelo rasgar simultâneo das camisas de dezenas de espigas e o som monótono destas a cair nos cestos de vime.

O João pegou num pé de milho, deitou um olhar de soslaio à Maria Luiza, e cantou na sua voz sonora:

— *De tantas estrelas que há
Por aí além nesses céus,
Eu não encontro nenhuma
Comparada aos olhos teus.*

E todos, unindo as suas vozes, dentre as quais sobressaía uma esganiçada em falsete, repetiram em coro, que se repercutia de vale era vale, os dois últimos versos da quadra:

*Eu não encontro nenhuma
Comparada aos olhos teus.*

Ele continuou:

*— Às ondas dos teus cabelos
Gostava de me atirar;
Teus olhos, faróis de esp'rança,
Haviam de me salvar.*

E o coro repetiu:

*Teus olhos, faróis de esp'rança,
Haviam de me salvar.*

— Isto é com a Maria Luiza, cochichou uma à sua vizinha da direita.

— É, é! Se fosse de dia, havias de ver a cara de malagueta com que ela deve estar.

*— E do que morrer amando
Se não há nada mais belo,
Queria amando morrer
Nas ondas do teu cabelo.
Queria amando morrer
Nas ondas do teu cabelo.*

*— Amei um dia uma estrela
Que vi lá no céu brilhar:
— Serei tua, me disse ela,
Mas há de vir-me abraçar.
Serei tua, me disse ela,
Mas há de vir-me abraçar.*

*— Dia de Natal hei de ir
Ao menino perguntar
Qual será a rapariga
Com quem eu hei de casar.
Qual será a rapariga
Com quem eu hei de casar.*

— *E se não me responder,
Pedirei a S. Joaquim
Me dê a Maria Luiza
Tão babadinha por mim.*

O último verso foi quase abafado por palmas e gargalhadas e ditos dos circunstantes. A Maria Luiza baixou a cabeça, e, com efeito, se fosse à luz do dia, ver-se-lhe-ia o rosto tingir-se de uma cor purpurina.

Na mesma ocasião, um bando de rapazes que, ao aproximarem-se do local da desfolhada, se ocultaram a ouvir o cantador, aguardando o final dos seus improvisos para o aclamarem, saíram do seu esconderijo e apareceram juntando ao alarido as suas exclamações e motejos inofensivos dirigidos à Maria Luiza que, na opinião deles, encavacara.

— Ora deixem-se disso! deixem-se disso! Dizia o tio Alameda. Quero que se divirtam, cantem e riam, mas nada de fazer “ir à serra” a ninguém.

Os recém-chegados dispuseram-se todos em volta do monte que já estava reduzido a metade.

No meio da confusão daquelas vozes em que sobressaíam as estrídulas gargalhadas das raparigas, entre tantos corações jovens que, pondo de parte todas as preocupações, só cuidavam de dar curso às catadupas do ardor que deles dimanava, havia um coração jovem, um coração de quinze anos, amável como o de um anjo e puro e sensível como uma camélia de cambraia fina.

Júlia, desde o princípio da desfolhada, parecera estar alheia a todo o entusiasmo que reinava em volta de si.

Paulo notou essa abstração e, pondo de parte as atenções ao seu gênio folgazão, perguntou a Júlia, com voz terna e compassiva.

— Então a menina para que está sempre assim triste? Nem ao menos agora se alegra? Há já mais de um mês que está nesta casa, e ainda não houve um dia em que estivesse alegre!

Júlia respondeu às palavras compassivas e ternas de Paulo com um olhar agradecido e ao mesmo tempo tão doce, que ele, sentindo na sua alma umas vibrações estranhas e no coração umas palpitações que jamais sentira, baixou os olhos como uma criança envergonhada. à luz da lua, que dera em cheio no rosto de Júlia, ele vira-lhe nos olhos duas lágrimas, e nos lábios brincar um sorriso Candido de reconhecimento; e na expressão desse rosto, no conjunto das lágrimas com o sorriso angélico desse rosto encantador, Paulo esqueceu-se de si, do lugar onde estava, do mundo onde entrara pela porta da infelicidade, e julgou ouvir dentro de si uma música celeste, de harmonias estranhas; pareceu-

lhe que, num sonho, vagueava sem saber por onde, talvez pelas nuvens, e que só via diante de si esse rosto...

Despertou do seu curto êxtase, e olhou para Júlia, que sorria para ele, muito mais bela do que dantes, com os seus cabelos louros brilhando como fios de ouro e com os seus olhos azuis que pareciam dois céus pequeninos toldados de nevoas.

— Oh! a menina chora?... pôde ele articular.

— Você, Paulo, parece ter muito bom coração; por isso deve entender que tenho razão para estar triste, quando todos aqui riem e cantam. Você ainda tem pai e mãe?

— Não sei!... murmurou ele quase imperceptivelmente e profundamente triste.

— Não sabe?!... disse ela verdadeiramente admirada.

— Não, porque nunca os conheci... Júlia, intrigada, ficou a olhar para ele. Julgou que estaria gracejando com ela, mas, vendo a sua expressão de verdadeiro pesar, perguntou:

— Então é porque lhe morreram quando você era pequeno?

— Não sei!...

— Você quando para aqui veio que idade tinha?

— Doze anos.

— E até então onde esteve?

— Estive em casa da mulher que me criou. Essa é que me disse que meus pais me tinham abandonado quando nasci...

— Abandonaram-no?!... Que corações tão duros! E você não chorou quando ela lhe disse isso?

— Não, porque nunca os tinha conhecido. A ela me habituei a chamar mãe e outra não conheço.

— E você gostava de conhecer seus pais?

— Gostava!... disse ele num murmúrio, tão intimamente triste, que Júlia não se atreveu a fazer-lhe mais perguntas.

A animação em volta deles continuava. Passados momentos, Paulo tomou uma expressão resoluta e disse:

— Já vê a menina que eu tenho mais motivos para chorar, porque sou mais infeliz, e contudo não choro!

— É verdade, Paulo. Você tem razão. Não torno a chorar! Hei de agora esforçar-me por ser alegre como você.

— Ena! cá está uma! gritou, vibrante, a voz de João que, em pé, empunhava uma espiga vermelha. Um abraço! Vou já dar um abraço a cada uma!

Fora a Maria Luiza que atirara, a ocultas das suas companheiras, uma maçaroca ás mãos do João.

Este dispunha-se a abraçá-las e elas, com intenso gaudio intimo, preparavam-se para receber o seu abraço.

Porque, afinal, não havia ali nenhuma que não sentisse o seu fraco pelo João do tio Alameda. Pois se ele era um rapaz forte que nem um tirante e com um coração como o de uma pomba! E que bem ele cantava! Depois, juntava a todos estes dotes um bom par de geiras que já herdara da mãe e outras tantas que o pai lhe havia de deixar.

Ora, um rapaz assim não era mal empregado na Maria Luiza, uma pobretona, sem um palmo de terra? As outras assim pensavam, e com alguma razão.

As leis da atração da riqueza são as mesmas dos corpos celestes. “A matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na inversa do quadrado das distâncias” disse Newton. Esta lei rege as riquezas, com a diferença porém, que na gravitação universal não há exceção alguma do que resultaria algum cataclismo que nos dava que contar; e na lei das riquezas há as suas exceções, de quando em quando.

Antes as não houvesse, porque se evitariam grande desgraças. O pobre, embora inspire paixão ao rico, nunca este o olha como um ser igual a si. Nas mulheres, pelo menos, que é onde a vaidade humana se concentrou mais impetuosa, o amor pelo pobre não é mais que um passatempo efêmero, um capricho que se evolva ao embate das primeiras reflexões em que a vaidade serviu de juiz.

Pode ela, em virtude duma mais pronunciada sensibilidade do coração, submeter-se a esse capricho. Mas um coração desses é tão difícil de encontrar como as pérolas no oceano Atlântico.

Não admira, pois, que a afeição do João pela Maria Luiza não inspirasse ciúmes ás suas companheiras. Elas riam-se no seu intimo da ilusão em que a rapariga parecia andar, e, maliciosamente, ocultavam-lhe os seus pensamentos, aguardando a desilusão da sua *doídice*, como lhe chamavam.

Todas com intenso gaudio íntimo, se preparavam para receber o abraço do João da Alameda, disse eu.

Ele dirigiu-se à Maria Luiza, enquanto ia dizendo:

— Começo por ti, rapariga, já que estás aqui mais perto. As outras que vão esperando.

E depois cantarolou:

*— Chuchem agora no dedo,
Mas é tudo sem maldade:
São apenas brincadeiras,
Tudo próprio desta idade.*

E voltou para o seu lugar.

Os rapazes aclamaram e bateram palmas.

— “Bela partida!” diziam de todos os lados. Elas, encolhendo os ombros desdenhosamente, ruminavam o seu despeito, fingindo não darem importância ao caso.

No rosto de algumas deslizou um sorriso contrafeito, e, entretanto, a desfolhada terminou.

O sol, no hemisfério oposto, tinha já brilhado no zênite dos nossos antípodas quando começou a retirada dos nossos personagens.

Na eira, desocupada com presteza depois da desfolhada, dançara-se alegremente na mais doce expansão daquelas almas inflamadas do ardor da mocidade.

A lua, recolhendo ao seu leito, convidou o nosso jovial bando a seguir-lhe o exemplo.

Na retirada, formaram-se vários grupos alguns dos quais foram cantando pela estrada fora; outros, cedendo o lugar do entusiasmo da mocidade à maledicência, ventilavam, através o fosco prisma da inveja, o caso da Maria Luiza.

— E que vos parece?! dizia, contraindo os lábios em sinal de surpresa e admiração, às suas três companheiras a Joana Mulata, que, tão próxima do João como a Maria Luiza, não pudera levar em paciência que ele preferisse esta a si.

E a lambisgóia daquela Maria Luiza, hein? Um mocetão daqueles, gostar de uma delambida assim!

— Ora! Vocês também fiam-se em boas!

— Pois decerto! dizia a terceira. Que pretende ela dele?

— O que pretendeu, segundo ouvi dizer, inventou a quarta.

— Sim?!

— É verdade! E vocês não viram, inventou ela de novo, aquela grande descarada dar-lhe um beijo quando ele a abraçou?

— Sério?!

— Deu! Eu vi! Não admira, pois, que, segundo as famas que correm, ele se mostre assim para com ela. São rapazes! o que querem é...

— Pois decerto!

— E faz ele muito bem! Quando elas são assim, é bem feito!

— Que grande descarada!

— Cara sem vergonha!

CAPÍTULO 6

Natal, eu te saúdo!

Quer a tempestade ruja lá fora com indomável fúria ameaçando prostrar as oliveiras tristes e a chuva fustigue e amareleça as brancas e inocentes camélias do meu jardim; quer um sol claro e resplandecente e benéfico paire no firmamento alegrando a natureza durante o dia, e à noite um docEl azul marchetado de meigas estrelas se desenrole por sobre a minha fronte — eu amo-te, óh! Natal!

Amo-te, quer rias como uma criança loira perseguindo uma borboleta que saltita de flor em flor, quer chores como um velhinho, acabrunhado pelos anos e de dorso curvado, chorando, sobre o netinho que acaricia no regaço, lágrimas de saudade!

És belo quando ris; mas o teu sorrir é forçado porque a tua alma é triste: e a tristeza encanta-me. Por isso eu amo-te.

És meigo e terno quando choras, porque as tuas lágrimas são sinceras, são o desabafo de mil amarguras, de mil saudades. E as lágrimas são uma doçura tão íntima, e tão celeste! Por isso eu adoro-te.

Amo-te nas águas frias do Vouga que corre melancolicamente lá em baixo por entre os salgueiros entristecidos; amo-te nas árvores despidas de folhagem destas colinas; na monotonia destas várzeas e destas lezírias, e na atmosfera tépida da cozinha do bom lavrador que olha com carinho a família reunida em volta da lareira; amo-te, finalmente, em tudo o que, inspirando tristeza e melancolia, segreda à minha alma atribulada mil poemas de amor, mil recordações da minha infância!

Viver de esperanças é um viver de incertezas e de decepções; cada dia que desponta é um sorrir velhaco e traiçoeiro cuja hipocrisia a nossa alma incauta e ofegante não vê.

Viver de saudades é um viver mais suave, mais santo; é um viver, por assim dizer, morto, porque a nossa alma, com o último golpe, já não tem alento para novas esperanças e decepções; o sol já não tem aquela expressão pérfida que nos ludibriava, e cada dia que passa é uma conta do rosário das nossas recordações que a nossa alma alanceada percorre orando e oferece ao Criador.

E tu vives de recordações e de saudades. Oh! Natal! Viver santo, viver celeste!

Há mil novecentos e oito anos que uma criança, tenra e mimosa como os nenúfares do poético Jordão, veio lançar sobre a humanidade obcecada os raios da luz vivíssima que jorrava de seus olhos celestes. Nas míseras palhas onde nasceu essa criança — tão pobre como a mais pobre de todas as crianças, podendo, se quisesse, ser a mais opulenta — tu nasceste também: tiveste o mesmo leito, e o recém-nascido bafejou-te com o hálito vivificante da sua boca divina.

E desde esse momento, não obstante o rolar dos séculos, conservaste sempre a frescura inata que recebeste desse hálito sacrossanto. O teu nome, envolvido numa auréola fulgente de luz divina, é proferido com amor por todos que têm no peito um coração que sofre.

E tu viverás sempre, oh! Natal! enquanto no mundo houver uma mãe que beije com ternura o pimpolho fecundado no seu ventre e existir um infeliz; que chore uma lágrima!

O dia de Natal amanhecera triste e soturno.

Através da escuridão que desaparecia lentamente, o vulto de um casarão se desenhava ao fundo do adro, semelhante a um gigante enorme, muito velho já, com uma das mãos levantada para o céu, numa atitude de misericórdia.

Era a igreja com a sua torre.

Que velhinha! Que velhinha!...

Nas suas paredes, cobertas de líquens, ela está recordando com mágoa as inúmeras intempéries que têm zurzido o seu dorso, e, extenuada, profundamente abatida, parece impetrar do céu a piedade que dos homens ingratos não tem conseguido obter...

O dia amanheceu triste e sombrio, ia eu a dizer.

Durante a noite tinham caído grandes e consecutivas bátegas de água, e o céu, como que cansado, apresentava um aspecto soturno.

Ao longe, para o oriente, a serra do Caramulo, na negrura das nuvens que sobre ela se encastelavam num espesso e elevado nimbo, parecia elevar-se muito alta.

Os eucaliptos da alameda contigua ao adro eram encrespados pelo soprar, em pequenas lufadas, do vento do sul, e por sobre a aldeia repercutiam-se, com maior intensidade para o norte, as ondulações sonoras que partiam do sino que chamava os fiéis para a missa da manhã.

Á esquina do adro, o Faca, abrindo uma das portas da loja, olhou sombrio para o céu pardacento e resmungou:

— Hum!... Temos mais molho!...

Uma mulher, encafuada num mantelete, conduzia uma pacífica vaca que puxava a uma carroça. Acampou no adro e, depois de ministrar à vaca uma ração de pasto, afastou uma das extremidades do tolde que cobria a carroça, deixando a descoberto uma parte da sua mercadoria, que consistia em hortaliças.

Á entrada do recinto que cerca a igreja, uma outra mulher, colocando no chão um cesto de castanhas cosidas e uma ceira de figos, sentou-se num pedregulho, à espera de fregueses.

O sacristão abriu a porta principal da igreja, e daí a pouco tempo, embrulhadas em xales pretos, duas beatas, semelhantes a duas almas penadas, depois de, ao passarem pelas vendedeiras da hortaliça e dos figos, mastigarem, numa linguagem cantarolada, um “Deus vos dê muito bom dia!”, entraram, benzendo-se seraficamente, com o pé direito na igreja.

Dentro desta, encantadoramente recostado num presépio colocado num dos altares do lado direito, o Menino Jesus sorria, pequenino e nu, com um sorriso infinitamente bom e amável. Deitada graciosamente num presépio todo engalanado e alumiado, essa pequenina estátua divina estendia os braços, numa alvura de jaspe, como querendo abraçar a humanidade inteira num anexo de amor divino e paternal.

Ao lado do altar estava um grande cesto destinado a receber as ofertas de pequeno lote.

Os fiéis começaram a afluir ao templo.

O velho prior...

— Que bom homem que ele era! Que candura d'alma se refletia sempre naquelas pupilas que se fixavam nos nossos olhos cheias de amor e afabilidade! Com que bondade me pousava a mão na cabeça, era eu pequeno, afagando-me com palavras de indizível doçura que só as sabe pronunciar quem tem uma alma predestinada que encontra o belo ideal na contemplação das três perfeições naturais — crianças, música e flores!

Ele apareceu, com a expressão jovial de sempre, envolvendo num olhar carinhoso todo o âmbito da igreja com as pessoas que já lá estavam, e ajoelhou na escada do altar-mor, inclinando humilde e religiosamente a cabeça encanecida.

Assim permaneceu um quarto de hora; depois, o capelão veio, já a igreja estava cheia de gente, paramentado e abrindo alas docemente por entre o povo que enchia a capela-mor.

Depois da missa, ele revestiu-se de um pluvial e dirigiu-se para o altar onde o Menino Jesus estava reclinado no seu presépio.

O sacristão abriu a umbela enquanto o sacerdote pegava no Menino, e o povo começou a entoar o Bendito.

Todos então, homens e mulheres, afluíam a depositar um osculo de amor, acompanhada de uma genuflexão, nos pezinhos, que pareciam pinhões, dessa pequenina estátua que o padre segurava cautelosamente e com respeito nas mãos, acompanhando cada genuflexão que faziam de um “Natus est nobis”.

Finda a adoração, que durou cerca de meia hora, o adro regurgitava de gente que aguardava o leilão das ofertas.

Um homem dos seus quarenta anos, de aspecto agradável, subiu para uma das extremidades do muro que veda o recinto em volta da igreja, e, pegando numa abóbora, exclamou, sorridente:

— Vale bem sete vinténs! Para mais, e não para menos!... É maciça e deve ter pouca pevide! Isto para filhoses, é de estalo!

— O dia das filhoses foi ontem.

— Todos os dias e todas as noites se fazem filhoses. Eia! Está em sete vinténs!...

— Oito! gritou um do lado.

— Oito vinténs! repetiu o pregoeiro. Oito! Oito! Oito! quem dá mais?... Oito!...

— Nove!

— Nove vinténs! Não há coisa mais barata! Eu não a fazia nem por nove mil reis!

— Mas comi-a de graça, mesmo assim crua!

— Coma-a você. Não sou seu irmão. Nove vinténs!... Nove!... Nove... uma. Nove... duas. No...+

— Cento e oitenta reis! gritou um, meio chocarreiro.

— Cento e oit... — Vá pro diabo! São os mesmos nove vinténs. Quem dá mais? Nove... uma. Nove... duas. Nove...

— Abóboras?

— ...tres! — Vá prá missa. — Assentem ali ao snr. Manuel da Silveira.

Vieram depois mais aboboras, cujo leilão decorreu sempre no meio de inofensivas zombarias do mesmo teor.

Cebolas, broas, garrafas de vinho fino, pés de porco, tudo apareceu no leilão.

— Ora até uma galinha cá apareceu! Cinco tostões! Se ninguém a comprar fico eu com ela.

— Para comer, ainda hoje, mais a sua Francisca, hein?...

— Tomaria você que eu o convidasse também. Cinco tostões!

— Seis!

— Seis tostões! Está pesadinha. Seis tostões e meio a mim!

— Sete tostões.

— Sete! Mau! Já não fico com a galinha!

— Veja se tem ovo. Se tiver, dou mais dez reis.

— Não meto o dedo onde você costuma meter o nariz. Sete tostões! Sete! Sete tostões, uma. Sete... duas. Sete... sete... três! Acolá ao tio Manuel Joaquim.

Chegou a voz ás quinquilharias e brinquedos. Apareceu um caixinha coberta de cetim, fechada.

— Que linda caixinha! dizia o pregoeiro mirando-a por todos os lados. Parece que foi feita por mãos de fada! Não vale menos de cinco tostões. Está fechada e deve ter qualquer coisa boa cá dentro!

— Abra! Abra! Queremos saber o que tem dentro!

— Querem saber?! Compre-na! Vale bem cinco tostões e... e... três — vá lá!
— pelo que tiver.

— Nove tostões! gritou de longe uma rapariga.

— Ah! Estás com o olho nela? Não que ela é bonita, lá isso é! Nove tostões!... Nove tostões!...

— E meio, disse o snr. Silveira.

— Nove tostões e meio! Só o cetim vale o dinheiro. Depois, isto cheira a... cheira a não sei ao quê que tem cá dentro...

— Dez tostões! repetiu a mesma rapariga.

— Estás morta por ela, diabo! Deixa estar, que se a não comprares, hei de dar-te uma caixinha mais linda que esta. Dez tostões!

— Mais um vintém, disse o snr. Silveira.

— Dez tostões e um vintém! berrava o pregoeiro, mostrando a caixa para todos os lados.

— Onze tostões! gritou de novo a rapariga.

— Estás desesperada! Onze tostões!...

— E meio!

— Onze tostões e meio!

— Mil cento e cinquenta! gritou outro zombeteiramente.

— Fale claro, se quiser que o entenda. Onze tostões e meio! Eh! rapariga? Então tu?

— Um quartinho! disse ela.

— Um quartinho. Vá lá! Um quartinho! Quem mais dá? Isto deve ter amêndoas dentro. Pelo cheiro... com certeza. Um quartinho! Um quartinho, uma. Um quartinho... duas! Que linda! Que linda! Até é uma pena ir para as tuas mãos, rapariga! Um quartinho...

— Três!

— ...três! — Não preciso cá de ponto. — Acolá para aquela cachopa.

A linda caixinha passou de mão em mão até à compradora.

Todos admiravam as cores garridas do cetim que a cobria, e apinhavam-se em volta da rapariga, ansiosos por saber o que encerraria a caixa.

Preso a uma fita estava uma chave que foi aplicada à fechadura. Todos, em bicos de pés, aguardavam a surpresa.

A chave deu volta... A rapariga levantou a tampa e de dentro saltou uma coisa que pôs em murmurinho todos os que se apinhavam em redor.

Era um rato.

Retrocedamos à véspera do Natal, à noite da conçoada — a noite tradicional da confraternização de todos os corações que, ligados pelo sangue e pelo amor, se reúnem para, na santa simplicidade aldeã, oferecerem em holocausto a Deus, concretizado na pessoa de um infante prestes a descer à terra, o que de mais puro e sincero há nos seus corações transbordando do mais acendrado amor divino.

Penetremos em casa do tio José da Alameda.

Antes de passarmos à cozinha, detenhamo-nos alguns momentos na sala, para contemplarmos um pequeno altar, profusamente alumiado, com um presépio onde um Menino Jesus parece estar suspenso numa nuvem de camélias

brancas, tão brancas, tão puras, como pura era a alma de quem com tanto carinho e desvelo as colocou ali.

Fora Júlia quem se encarregara da confecção do altar, em que gastou duas horas.

Colhera, no pequeno jardim que estava entregue aos seus cuidados, as camélias mais brancas e menos danificadas pela frieza das chuvas, e ali, naquele altar, as colocara uma por uma, pacientemente, com um angélico sorriso nos lábios e nos olhos uma ternura em que se traduzia a candura da sua alma.

Ao terminar a sua tarefa, correra, cheia de contentamento, a chamar todos os da casa para verem a sua obra.

— Muito lindo! Está muito lindo! dizia-lhe o tio José, passando-lhe paternalmente a mão pela cabecita loira. Dou-te os meus parabéns por teres tanta habilidade.

— Logo, depois de ceia, vimos para aqui fazer serão? perguntou, radiante, Júlia.

— Decerto! Havemos de vir fazer companhia ao Menino Jesus até à meia noite, que é para ele ser sempre muito nosso amigo! Agora vamos para a cozinha, enquanto a ceia se faz.

E ela deitou a correr aos saltinhos, adiante dele.

O coração sempre é um grande artista! Aquela criança, há três meses ainda, tão triste, tão pensativa... Oh! o amor! o amor!...

É que Paulo e Júlia amam-se.

Lançadas no berço da orfandade, essas duas almas, como dois infelizes que se encontram no mesmo caminho, contaram as suas mágoas, compadeceram-se mutuamente, compreenderam-se, deram-se as mãos, acalentaram-se, amaram-se e prosequiram juntas, não já pelo caminho agreste que as martirizava, mas por uma vereda em que os espinhos tem a suavidade das rosas, em que já não ha agruras, onde tudo são madressilvas e violetas recendendo um aroma inebriante. Esqueceram as desditas passadas para gozarem, juntos, os benefícios desta nova fase que a Providência lhes deparou; e, junto desses dois lírios, transportados de uma encosta Arida para a beira de um fresco arroio, nasceu uma trepadeira de flores odoríferas, que os enleou, ás quais flores um anjo, transformado em uma abelha, vem diariamente haurir o doce néctar e o leva ao seio de Deus...

Paulo e Júlia amam-se com um amor todo ideal; amam-se com aquele amor dos corações predestinados que amam uma só vez na vida.

Ocultando, o mais possível, aos olhares estranhos a impulsão que os anima um para o outro, esses corações, quando sós, estudam-se mutuamente, em conversas banais, conversas de crianças apaixonadas que não se atrevem a manifestar-se o seu amor; mas nesse natural retraimento, nessa timidez que os retém muitas vezes em silêncio sem ousarem quebrar o encanto que sentem na contemplação mútua das suas almas, durante esse silêncio em que cada um deles só ouve o ruído do pulsar do seu coração, as suas almas falam, entendem-se, estudam-se, amam-se cada vez mais...

Penetremos também na cozinha.

A formosa Helena prepara, sobre a mesa tosca, a massa para as filhoses; com as mangas do vestido arregaçadas deixando ver os seus bem torneados braços até ao cotovelo, fala e ri com a sua peculiar jovialidade.

Na lareira, em volta de uma fogueira onde arde um grande cepo, estão sentados o tio José, Júlia, João, e, na extremidade do banco, Paulo.

O tio José entretém a família com histórias alegres que fazem rir todos, exceto o João que, com o olhar fito num ponto do brasido, parece alheio ao que se passa em volta de si. De vez em quando, despertando da sua abstração, olha para o pai, passeia o olhar em roda, e volta a mergulhar-se nas suas reflexões.

— Ó paizinho! diz Helena ao pai, que acaba a narração de um conto; isto está quase pronto: agora é preparar a certã e fazê-las. Mas, enquanto as faço, o pai há de contar aquela história tão engraçada que nos contou o ano passado.

— Que história?... Eu já me não lembro do que contei ontem...

— Aquela de um demônio que andava ás almas na noite do Natal e que, tendo ido a casa de umas pessoas que eram muito boa gente, teve de fugir, porque se arriscava a ficar na certã das filhoses mais rilhado que um torresmo. Lembra-se?

— Ah! Ah! Ah! Bem sei! Bem sei! Essa história ouviu-a eu contar à minha avó, era eu pequeno. Há que tempo lá vai isso!... Mas como era o princípio? Lembra-te?

— Também já não sei! Tu sabê-lo, ó João?

O João pareceu despertar de um sonho.

— O quê?!...

— Em que estavas tu para aí a cismar, homem? perguntou o pai, risonho e bondoso.

— Eu?... Estava a pensar em... que... Estava a ver o que amanhã hei de levar ao Menino Jesus — disse ele sorrindo, admirado da sua inspiração.

— Ora! O que lhe há de levar? Leva-lhe uma abobora *menina* e duas ou três linguças. Têm muito boa venda no leilão.

— Eu é que arranjei uma caixinha linda para lhe dar; acrescentou Júlia. Não é bonita, Helena?

— Gosto muito dela. Mas olha que é preciso meter-lhe qualquer coisa dentro. Amêndoas, por exemplo.

— Ah! É verdade! Não me lembrava!

— Esperem! Eu encarrego-me de arranjar uma coisa para lhe meter, disse do canto Paulo.

— O que é? O que é? perguntou com curiosidade Júlia.

— A caixa é muito linda, ou é assim, assim?

— Oh! é toda coberta a cetim de duas cores! E com fitas de seda muito *chics!* Helena que diga.

— A caixinha até é mal empregada no leilão, disse Helena, porque pode ir parar ás mãos de quem a não saiba apreciar e a não estime.

— Bom! disse Paulo com resolução. Pois nesse caso mais graça tem a brincadeira. É uma coisa que vou meter dentro da caixa amanhã de manhã, e que vai fazer rir ás bandeiras despregadas toda a gente que estiver no leilão. Porque, indo fechada, hão de ter a curiosidade de ver o que vai dentro. Ela tem chave?

— Tem; vai presa a uma fita. Mas o que é, Paulo?

— É um rato!

— Ah! Ah! Ah! Tiveste boa lembrança, e...

Na porta da cozinha soaram duas pancadas surdas, e uma voz um tanto aldrabada chamou de fora:

— Ó tio Alameda! Você não dá um caldo e dormida ao Belbuth?

— Ah! o Belbuth! exclamou Júlia batendo as palmas, e erguendo-se pressurosa a abrir-lhe a porta.

Ele entrou, tartamudeando umas “boas noites” e todos o acolheram jubilosamente.

Deixemos o Belbuth conçoando com esta boa gente e alegrando-a com narrações de episódios da sua longa vida de miserável, e entremos na casinha modesta da Maria Luiza, que está triste e pensativa...

Triste e pensativa?! A Maria Luiza de há três meses?!

Sim. Essa mesma rapariga, desembaraçada e alegre, que, no arraial do Santo Estevam, suplantara o João da Alameda, o cantador invencível; a mesma da desfolhada, em que ela gozara o exclusivo do seu abraço, gozo momentâneo que foi a origem de mil dissabores.

Na lareira da sua cozinha arde uma pequena fogueira, a cuja claridade a Maria Luiza costura debruçada: e a mãe, já velha, talvez de mais de sessenta anos, com uma roca a tira-colo, faz ainda girar o fuso entre os dedos com facilidade.

As telhas, denegridas do fumo, e as paredes, de igual aspecto, dão um tom de tristeza aquela mansão de paz e sossego.

No poste da chaminé, está dependurada uma candeia de lata, cuja luz, nos estertores da agonia, bruxuleante, aumenta a taciturnidade do aposento.

— Vai deitar petróleo naquela candeia, Maria, disse a mãe.

Ela levantou-se, deitou um olhar para a porta, ministrou à candeia o almejado liquido que fez soluçar a luz, tornou a olhar com olhos de ansiedade para a porta da cozinha, e voltou à sua costura, dando um suspiro.

Porque olha ela tão insistentemente, perguntará lá para si o leitor, para a entrada do seu tugúrio, e porque toma ás vezes no peito tanto ar, que ao expeli-lo, semelha a aragem da tarde a agitar brandamente, em suave murmurinho, as espigas maduras de uma seara?

E porque é que tu, leitor ou leitora, vais algumas vezes, em noites serenas, para a tua varanda ou para o aido, sozinho, a contemplar as estrelas, procurando espalhar, na imensidade do infinito, as mágoas que sufocam o teu peito?

Impressiona-te a concentração do espírito dessa rapariga que, outrora, sempre de expressão radiante, espalhava em volta de si a alegria, como uma flor odorífera espalha o aroma pelo ambiente dum jardim?

Segredos do coração.

Sim: o coração, pequeno como é, pratica obras estupendas. Fazer de Maria Luiza de há três meses a Maria Luiza de hoje, é uma obra que eu coloco na ordem dos impossíveis.

Pois o impossível realiza-se?

Realiza. É um exclusivo do coração.

O pai severo impõe as mais terminantes ordens de reclusão à filha enamorada. Fecha-a na alcova, e volta com a chave, que coloca, juntamente com a do portão, debaixo da sua cabeceira.

Dorme descansado, porque a janela é alta e, a dar-se a evasão, o gradeamento, difícil de transpor, torna impossível a fuga.

O sol, de manhãzinha, ergue-se sorridente de sarcasmo no horizonte e penetra, pelas portadas entreabertas da janela, na alcova do pai que acorda e leva a mão ao sítio onde guardara, na véspera, a chave do seu tesouro.

— Cá estão! monologa sonolento e carrancudo.

— E ela? a tua andorinha?... , murmura-lhe ao ouvido um raio mais chocarreiro do sol.

Ele despreza a chufa e volta-se para o outro lado, a saborear, descansado, o sono da manhã.

Quando acorda, já o sol vai alto, esfrega os olhos, levanta-se pesado de avareza e vai abrir a porta à sua andorinha...

Oh! decepção cruel! A linda andorinha voou de noite, através da escuridão, por esses ares fora!

É que o coração voa quando quer. Não tem ele azas?

É um grande artista. Os maiores prodígios que têm assombrado a humanidade são obra sua.

Pegar numa pedra muito tosca e muito dura, desbastá-la a cinzel, dar-lhe a forma de um homem, poli-la e colocá-la num altar, tornando-a de penedo tantas vezes maltratado em um santo que se venera, é possível a qualquer artista.

Polir uma alma... só o coração.

A Maria Luiza de outrora e a Maria Luiza de hoje, diferem entre si como a pecadora de Magdalo difere da penitente que está osculando e orvalhando de lágrimas os pés do Nazareno.

Mas... quem espera ela?

O João do tio Alameda. Aquele que, num rasgo de generosidade e de amor, se compadeceu dela; porque, desde a noite daquela desfolhada em que ela tivera o privilegio de ser abraçada por ele na presença das companheiras que tentaram disfarçar a inveja que lhes causara, a Maria Luiza começou de ser envolvida numa mefítica atmosfera de maledicência. Esta nasceu da inveja, e a inveja começa por sua vez quando se tem o reconhecimento da inaptidão ou da inferioridade.

Se se pudesse obter de um invejoso resposta à pergunta “porque invejas?” ele diria inevitavelmente “invejo porque valho menos”.

Mas o invejoso não fica por aqui.

Dado o primeiro passo na senda das depravações, prossegue.

Assim como uma alma cultivada na prática da virtude e por ela purificada, sente um inefável e celeste prazer em praticar novas e consecutivas virtudes, assim um espírito maligno, um coração embotado pelas ações vis, sente um infernal prazer em percorrer a escala das depravações.

Abissus abissum invocat.

Imagine-se um vaso cheio de água pura, em que se lhe deitam algumas gotas de um liquido venenoso. A água cristalina, que até então poderia dar a vida a quem se debatesse nas ardências da sede, afetou-se das propriedades mortíferas da peçonha que, de molécula em molécula, foi afetar, com o seu terrível contato, o puro liquido.

Meia dúzia de línguas depravadas infectaram também com a peçonha da maledicência as línguas restantes da freguesia; e a honestidade da Maria Luiza, como a flor branca da açucena açoitada pelo vento cortante da tempestade que não consegue prostrá-la no lodaçal que ameaça conspurcar as suas pétalas de pura cambraia, foi maltratada pelo vento cortante dessa maledicência.

João compreendeu a situação de Maria, e não hesitou em colocar ao abrigo do seu peito essa flor que, por sua causa, tinha sido exposta ao rigor das intempéries.

— Maria — disse-lhe a mãe depois de um muito prolongado silêncio; são horas de deitar. O João não vem cá hoje decerto, o pai talvez o não deixe sair, porque, nesta noite, todos os pais querem a família reunida em volta de si.

— Mas vá a mãe deitar-se, que eu espero ainda um pouco. Falta-me além disso ainda aqui uma bainha, e entretanto acabo-a. Talvez não falte...

Como deve ser ditoso ter esperança num coração que nos ama!

Deve ser tão ditoso esperarmos num coração que nos estremece, como penosa deve ser a desesperança num coração que idolatramos.

João amava Maria Luiza; ela bem o sabia, porque não há ninguém que melhor leia nos olhos do homem apaixonado do que a mulher amada. E a mulher sabe, por instinto, que um homem não tem a habilidade com que ela finge um sentimento que está longe de possuir.

O João não havia, pois, de faltar. Não tinha ele sido sempre pontual em vir ministrar ao seu coração o alento de que tanto necessitava para não desesperar de viver?

Que significavam três meses de constantes provas de amor, de tantas promessas e juramentos que no auge da sua paixão, ele lhe fizera, traduzindo no olhar incendiado todo o fogo que lhe devorava o peito?...

Uma lufada mais forte de vento soprando nas árvores da rua arrancou-a à sua profunda meditação e fê-la olhar para a porta. Olhando depois em volta, viu-se só. Engolfada nos seus doces pensamentos, nem notara a retirada de sua mãe.

O vento continuava sussurrando lá fora, semelhante ao gemer do mar, e a porta já gasta da choupana rangia ao embate de cada rajada mais forte.

No sino da igreja de Eirol soaram onze longínquas e monótonas badaladas que Maria Luiza contou em crescente ansiedade do seu coração impaciente.

— Onze horas!... Já tão tarde!... E ele sem vir!...

Ficou perplexa, a olhar para o sobrado, e estremeceu ao som de três leves pancadas na porta.

Com certeza que não era o bater de João que ela tão bem conhecia, porque o coração começou a pulsar-lhe violentamente e ela, sem se levantar, perguntou, entre admirada e sobressaltada:

— Quem bate a esta hora?!

Em resposta, ouviu o ruído de uma bastonada aplicada talvez à cabeça de um homem, a seguir um gemido, e após isso a fuga de duas pessoas que se perseguem.

E nada mais ouviu, que as pulsações agitadas do seu coração superexaltado e o sussurro do vento a soprar nas árvores do caminho e nos salgueiros sobranceiros ao Vouga.

CAPÍTULO 7

Três dias depois, o tio José da Alameda recebia a visita da snra. Joaquina das Dores, uma criatura, que, à semelhança de mais meia dúzia, frequentava diariamente a igreja na *perfeita* observância dos preceitos do Divino Mestre.

Estas criaturas, umas verdadeiras corujas sempre metidas pela igreja, tanto se servem da língua para orar a Deus como para murmurar do próximo, assoalhando torpemente a vida íntima de cada um. Não distinguindo, através da imbecilidade que lhes turva o cérebro, o grau de torpeza e abjeção que encerra o procedimento de vasculhar os atos menos meritórios que outrem pratique, não alcançam ao mesmo tempo a quanta beleza de virtude encerraria o seu procedimento se, em vez de auxiliarem a conspurcação da vida alheia, lhes tecessem louvores, ainda que imerecidos, tratando de ocultar-lhes as manchas sob o pó bendito da caridade.

A snra. Joaquina das Dores era uma dessas criaturas, que não pudera sofrer que um rapaz tão bom, tão simpático, fosse arrastado tão cedo, e sem necessidade, ao bando dos renegados.

— Nada! dizia ela consigo, tomando a resolução de se dirigir a casa do tio Alameda; isto não pode ser! O pai precisa de sabê-lo, para desviar o filho do caminho do pecado em que anda!

E fora com a consciência em vias de satisfazer-se por ir praticar um ato dum *valor altamente humano e divino*, como era o de conduzir uma ovelha ao redil, não lhe pesando, porém, o remorso de que, para o conseguir, tinha de sobrecarregar de injúrias outra alma lançada ao desprezo pelo sopro horripilante da maledicência, que se dirigiu a casa do tio Alameda.

— Em que posso ser-lhe útil, snra. Joaquina? perguntou o velho com o seu sorriso de bondade à beata.

— Quero falar-lhe em particular, snr. José. É um negócio de muita importância que lhe quero comunicar.

— Sim?! Queira então vir aqui para a sala, para que ninguém nos ouça.

Entraram, e a beata, limpando o nariz adunco a um enorme lenço tabaqueiro, tomou uma expressão de afetada piedade, e, sentando-se, a um sinal do velho, cruzou as mãos sobre os joelhos, dizendo:

— Snr. José! Deus Nosso Senhor, quando andou pelo mundo feito homem, pregou a sua religião e indicou o caminho que nós devíamos seguir para nos salvarmos. Com os seus exemplos e as suas palavras que ficaram escritas e foram passando de boca em boca, a sua religião chegou até nós e continuará seguindo enquanto no mundo o espírito do mal não deixar de dar geração. Muitos acreditam nas palavras dos santos padres, a quem Deus encarregou de o representar no mundo e de fazer respeitar a sua religião. Outros não acreditam em nada disso, e esses são os réprobos condenados às penas eternas. Mas o nosso dever, o dever de todo o bom cristão, é, por meio das boas obras e dos bons conselhos, chamar ao caminho do céu esses perdidos na escuridão do pecado.

E quando nós temos obrigação de chamar ao caminho do dever esses que nasceram já debaixo da proteção do demônio (a snra. Joaquina fez o sinal da cruz,) muito maior obrigação temos de conduzir ao caminho da bem-aventurança os que, tendo sido bons cristãos, se deixaram seduzir pelas imposturas do demônio (aqui fez outra cruz e a sua voz, mais inflamada, dava fífias como uma corda de rebeca mal calcada pelo arco).

O tio Alameda ouvia-a muito atento, não compreendendo onde a beata queria chegar. Não a interrompeu, e ela, sorvendo uma pitada, continuou, mais moderada:

— O snr. José desculpe-me de eu não começar logo a expor-lhe o caso...

— Eu, na verdade, não sei onde quer chegar, senhora...

— Eu me explico. Espero que tomará na devida consideração as minhas palavras, pois que, tratando-se de seu filho...

— De meu filho?!... Que fez ele?

— O seu filho, snr. José, vai numa vida muito má! Numa vida que lhe fará perder a sua alma se vocemecê, com a autoridade de pai, se não opuser...

— Mas explique-se, por Deus, sr.^a Joaquina!

— Olhe, snr. José: o senhor conhece aquela rapariga chamada Maria Luiza que, segundo as famas que tem, não é das mais honestas?

— Conheço! Eu conheço a Maria Luiza!

— Pois o seu filho anda metido com ela já vai para três meses; e isso fica muito mal a um rapaz como ele, filho de um homem tão temente a Deus. Repreenda-o, snr. José, repreenda-o! É uma bela alma que se perde. Além disso, dizem que anda tão cego por ela, que vai todas as noites lá a casa...

— O meu filho?! O meu João?!

— É verdade, sr. José. E tão desavergonhada é a filha como é a mãe, que consente poucas vergonhas lá em casa. É preciso que ele mude de vida, que já anda muito nas bocas do mundo! E anda também em muito maus lençóis, porque, na véspera do Natal do Redentor — aqui baixou a voz, falando com calor e veemência, e meneando os braços nuns gestos disparatados — espancou um rapaz que ia a passar à porta dessa tal Maria Luiza!

— Na verdade, sr.^a Joaquina, custa-me acreditar que meu filho faça isso!

— Pois é verdade, sr. José. O pobrezinho de Cristo ia a passar muito sossegado da sua vida, quando sentiu uma forte bordoadada na cabeça, que o ia matando. E matava-o, se não foge. Ora vocemecê não há de querer que seu filho ande assim nas bocas do mundo por causa de uma mulher perdida.

O tio Alameda ouvia, pensativo, e extremamente penalizado, a narração da beata.

Esta continuou, dando ás suas palavras um tom mais melífluo e repassado da mais revoltante hipocrisia:

— Repreenda-o, sr. José, repreenda-o! Deus nos livre que o sr. prior o saiba, que é capaz de mandar dizê-lo para o bispo, que lhe lança alguma excomunhão! E o pior mal é dele, que condena a sua alma ás penas eternas.

O tio José da Alameda limpou duas lágrimas que lhe rolavam pelas faces; e, meneando tristemente e com desalento a cabeça encanecida, e pondo as mãos num gesto de súplica, levantou os olhos para o céu, exclamando com amargura:

— Meu Deus! Não permitais que estes poucos cabelos brancos que me restam sejam manchados nos últimos dias da minha vida pela desonra de meu filho! Levai-mo antes, meu Deus! ou levai-me a mim primeiro!

— Que viria cá fazer aquela beata? perguntou Paulo a Júlia, ao ver retirar-se a sr.^a Joaquina, muito satisfeita pelo *dever de consciência* que acabava de cumprir.

— Não sei. Esteve na sala a falar com o patrão, e este apareceu com as lágrimas nos olhos.

— O diabo da velha! Não veio fazer coisa boa, pela certa.

O curto dialogo foi interrompido pelo ruído do passo cadenciado do tio Alameda.

Ele apareceu, a fisionomia contristada, o olhar velado por uma profunda angústia que lhe oprimia a alma.

— Pai? chamou Helena. O jantar está pronto.

— E o João onde está?

— Está no alpendre. Vai chamá-lo, Paulo.

Durante o jantar, o tio Alameda esforçou-se por conservar uma expressão de contentamento; pela sua parte, João parecia nunca ter estado tão alegre. Depois da refeição, o pai chamou-o a ocultas da família, e disse-lhe:

— Meu filho: tenho um pedido a fazer-te. E é de tamanha importância o que te quero pedir, que a tua desobediência abreviaria os poucos dias de vida que me restam.

Falava com uma tão pronunciada amargura, que João, prevendo o fim que ele queria atingir, e comovido mais pelas más impressões que seu pai teria colhido de quaisquer mexericos que lhe houvessem trazido (porque não lhe escapara a vinda da beata) do que pelas palavras do pai, respondeu, resoluto como o homem que espera o golpe que lhe vão vibrar:

— Sabe, meu pai, quanto o amo; e sabe também que tenho sido sempre um cumpridor fiel dos deveres de um filho para com seu pai, em tudo obediente...

— Sei tudo isso, meu filho; e sei também que o erro que praticas é na tua boa fé.

— O erro que pratico?! E que erro é esse, meu pai?

— Praticas o erro de dar, sem necessidade que falar ao mundo. Ora eu, que tenho de dar contas a Deus dos bons ou maus conselhos que dei aos filhos, quero prevenir-te de que andas por mau caminho. Muda de vida, filho da minha alma, se queres dar-me alguma felicidade no fim da minha velhice!

— Meu pai: sei ao que se refere, disse ele, com os olhos humildes no chão. Pois isso são contos do mundo, que...

— Mas o mundo é o grande juiz dos nossos atos, e o escândalo é um grande pecado!

João levantou resignado os olhos para o pai, e disse:

— Não me importa o que diz o mundo, porque tenho a consciência tranquila e a convicção de proceder bem. Diga-me, pai: se uma pessoa, por sua causa, se visse desprezada de toda a gente e na maior indignação porque ninguém lhe dava um pedaço de pão a ganhar, o meu pai, que tinha sido o causador de toda aquela desgraça, o que fazia?

— Socorria-a...

— E não lhe importava o mundo, com a sua má língua?

— Mas que relação tem isso com o caso de que se trata?

— É exatamente a mesma coisa. Ouça-me, meu pai, porque vou falar-lhe com o coração nas mãos. Pela alma de minha mãe, dessa santa a quem eu tanto queria e cuja memória para mim é sagrada e a quem meu pai idolatrava, acredite as minhas palavras, porque vou expor-lhe toda a verdade.

O velho, comovido e silencioso, sentou-se num banco; e o filho continuou, com um olhar firme em que transparecia toda a verdade das suas palavras:

— Meu pai lembra-se daquela noite, em outubro, quando fizemos a nossa última desfolhada em que todos os que nela tomaram parte se divertiram, e quando eu, nas minhas cantigas, fiz uma referência inofensiva à Maria Luiza? As amigas dela, as quais de amigas só tinham o nome, riram-se do pouco sangue-frio com que ela ficou ao ouvir a cantiga. Troçaram-na muito, e eu então, quando encontrei uma espiga de milho vermelho, tratei de recompensá-la e ao mesmo tempo castigar as trocistas. Prometi correr a roda, dando um abraço a cada uma, como é costume. Abracei, porém, a Maria Luiza, e sentei-me. Ficaram todas, como se costuma dizer, achatadas, mas eu levei tudo a rir. Pois foi isso o bastante para essas línguas danadas começarem a levantar falsos testemunhos à pobre rapariga, cuja reputação foi maltratada; porque, a sua honestidade, tomaram muitas delas possuí-la! Pensavam talvez que eu me deixava levar por esses zumbidos de varejeiras! Mas enganaram-se! Porque eu, que conheço há muito a Maria Luiza e sei que o seu porte foi sempre honesto, não me deixei levar por cantigas dessas invejosas que nunca tiveram nada que dizer dela senão depois dessa ocasião!

Continuei a estimá-la, e mais ainda que antigamente. Confortava-a quando a via, e a tristeza da rapariga, antes tão alegre, impressionou-me muito. Contava-me as suas desditas, e eu comecei a sentir cá dentro uma certa necessidade de a ver todos os dias para a animar, e, quando falava com ela, sentia-me mais

satisfeito. Disse-me que nenhuma casa a recebia onde pudesse ganhar o sustento para si e para sua mãe que já não podia trabalhar pura viver; e quando, com as lágrimas nos olhos, ela me disse que se via na necessidade de abandonar esta terra para procurar outra onde pudesse trabalhar para ganhar o sustento para as duas, eu, meu pai, senti dentro do meu peito não sei o quê que me fez umedecer os olhos, e disse-lhe que não se apoquentasse, que eu olharia por elas.

Agora, meu pai, é ocasião de eu lhe fazer uma declaração, que há muito desejava fazer-lhe, mas... — e ao mesmo tempo pedir-lhe perdão do meu procedimento: — eu, todos os sábados, tenho tirado do celeiro três alqueires de milho que lhe entrego para elas, com o produto, não morrerem à fome... Perdoe-me, meu pai, e consinta que continue a socorrer aquelas infelizes com o pão de cada dia!

O velho envolveu o filho num olhar de ternura, e, suspirando satisfeito, disse:

— Perdô-te, porque praticaste uma obra de caridade, o que, contudo, não devias ter feito, sem mo participares. Essa franqueza devia-a ter tido há mais tempo para comigo, que me não oporia a isso. Mas também é preciso que uma pessoa não se deixe levar só pela bondade do seu coração, que muitas vezes nos não deixa ver certas coisas que... Enfim, é preciso sempre raciocinar e ver...

— Meu pai! A Maria Luiza é honesta! — interrompeu o filho com veemência. Essa rapariga padece por minha causa; e por isso tenho a obrigação de a defender da desgraça que a ameaça. E digo-lhe mais ainda, meu pai: a minha estima por ela converteu-se em amor, e este em paixão. A minha resolução é salvá-la por completo da desonra com que quiseram maltratá-la!

— Que dizes?! Pois tu queres...

— Quero casar com ela, meu pai. A Maria Luiza está inocente, ia jurá-lo pelas cinzas de minha mãe. É uma vítima das línguas invejosas.

— Já te disse, filho, que há coisas que o nosso bom coração encara debaixo de um aspecto e a razão debaixo de outro. Não me oponho a nenhum casamento que meus filhos queiram fazer, mas o que eu quero é a minha honra acima de tudo...

— A sua honra não sofre nada com isso, e a minha dignidade exalta-se. Cumpro um dever de consciência e do coração.

O tio Alameda ficou pensativo por alguns momentos; depois, placidamente, disse:

— Mas consta-me que há dias, de noite, espancaste um homem que passava às onze horas à porta dessa rapariga. Foi verdade?

— Foi verdade. Como vissem que eu não desistia do meu propósito, quiseram lançar sobre ela nova afronta e fazer com que eu duvidasse da sua honestidade. Para confirmarem o que dizem, fizeram com que um individuo, ou mais do que um, fosse por horas mortas bater à porta de Maria Luiza. Eu todas as noites lá vou, e ela preveniu-me de que, depois de eu sair, há de haver uns dez dias, tinham lá ido bater de mansinho à porta. Espreitei no dia seguinte, mas não vi ninguém. Não fiz mais caso, e passados cinco dias voltaram lá. Eu então, nessa tal noite — foi na véspera de Natal — fui pôr-me de novo à espreita. Passado muito tempo, um embuçado aproximou-se, muito cauteloso, e bateu devagar três pancadas. Ia já a retirar-se, talvez por me não ter visto sair e receando que eu estivesse a espreitá-lo, mas ainda lhe pude dar uma bastonada, que é para lá não tornar.

— Fizeste mal, filho. Não te devias precipitar dessa maneira. Isso pode ser-te fatal, porque por vingança, esse homem pode fazer-te pior. Se te certificaste da má intenção desse homem e confiavas na seriedade da Maria Luiza, devias deixar correr. Não há nada melhor que entregarmos certas coisas ao desprezo. As más línguas chegam a cansar-se, e lá vem um dia em que a maledicência cede o lugar ao arrependimento; porque a verdade é como o sol que dissipa as trevas mais espessas. Precipitaste-te, e agora és censurado e tido como desordeiro, e isso é muito penoso para um coração de pai. Dá tempo ao tempo, é um ditado muito antigo; porque atrás da tempestade vem a bonança.

E quando, convencidos da verdade, toda essa gente se calar, faz então o que a tua razão e o coração te aconselharem. Não sou como muitos pais que, possuindo dois palmos de terra, querem que seus filhos casem com quem tenha outro tanto. Não. Eu quero que meus filhos vivam contentes e felizes; e a felicidade não se alcança com a riqueza.

— Obrigado, meu pai! disse João com os olhos marejados de lágrimas, radiante de alegria e ao mesmo tempo comovido. Obrigado pelos bons conselhos que acaba de dar-me e que eu observarei, e pela maneira como atendeu às minhas súplicas, ainda que outra coisa não esperava da sua bondade!

E, apoderando-se das mãos de seu pai, beijou-lhas com sofreguidão.

O tio Alameda retirou-se comovido ocultando ao filho duas lágrimas que lhe bailavam nos olhos.

CAPÍTULO 8

Era num domingo do mês de janeiro; vários grupos de homens estacionavam no adro, depois da primeira chamada do sino para a missa conventual, enquanto outros, já velhos, e algumas mulheres, de todas as idades, entravam religiosamente na igreja.

Dentro desta, o velho prior, sentado na sua cadeira, fazia a prática do evangelho do dia, enquanto no adro, gozando a amenidade do dia alegrado por um sol resplandecente, os outros fiéis aguardavam a segunda chamada para a missa.

O tempo deslizava, havia já uma semana, sereno e cheio de doçura. à quadra invernosa do Natal seguira-se uma quadra toda jovial e alegre: parecia que se tinha antecipado naquele ano a primavera, o que era desmentido apenas por algumas árvores de folhagem caduca que se elevavam tristes e graves como esqueletos, como querendo lembrar à natureza que não era aquela a época de ostentar as suas galhardias.

Os dias sucediam-se serenos, límpidos e transparentes como taças de cristal, doces como favos de mel; e as noites, tomando uma alegria fictícia para ocultar a sua melancolia, pejudas de um luar magnífico, lembravam os sorrisos repassados de amargura de uma viúva inconsolável.

O sino, agitando-se num crescente movimento oscilatório, fez a segunda chamada, e um bando de pombas que estava pousado no espinhaço da igreja espreitando o sol, levantou vôo, às primeiras badaladas do sino, e foi adejando para os lados do campo.

Ao mesmo tempo um carro de quatro rodas, carregado de malas, puxado por três alazões, atravessava o adro, absorvendo a atenção de todos.

Ao lado do cocheiro ia sentado um outro homem de trinta e tal anos, tipo de brasileiro, a avaliar pelo modo de vestir — fato claro de casimira, e calças de uma largura de pernas que lhas permitiria enfiar sem dificuldade com as botas calçadas; parecia além disso, a avaliar pela quantidade de bagagem que o precedia e pela grossura de uma cadeia de ouro que lhe bamboleava no colete cuja abertura lhe abrangia quase toda a altura do peito, que era um brasileiro rico.

Deitou, ao passar, um olhar de relance, um destes olhares com que muita gente, afetando um ar de superioridade, em que transparece, contudo, a sua imbecilidade recalçada, geralmente, pelo peso do ouro, vê as pessoas e as coisas que julga numa esfera inferior à sua.

Cada grupo ficou fazendo os seus comentários à *pose* do pedaço de asno — de que logo o apodaram — no qual os mais velhos reconheceram o filho da tia Quitéria de Jesus, por alcunha a *bisnaga*.

— Então vocês não se lembram, dizia um homem dos seus sessenta anos aos quatro do seu grupo todos regulando pela mesma idade — daquele garotinho que a Quitéria *bisnaga* tinha?

— Ah! sim! Dá uns ares dele, dá!

— Pois é este figurão que aí vai. Andava por aí à maçã do chão, todo esfarrapado e ranhoso. A mãe pô-lo a servir ali em casa do falecido pai do Silveira, que era um lavrador rico, como vocês sabem. Esteve lá uns dois anos, se tanto, até que um dia pede dinheiro emprestado ao patrão para ir para o Brasil, na condição de lho mandar quando o ganhasse. O patrão disse-lhe: nunca o diabo mais leve; olha, se o ganhares, manda-mo; e se o não ganhares, fica por intenção da minha alma.

— E ganhou-o bem, logo se vê!

— Ai! teve sorte! No fim de dois meses mandou-lhe o dinheiro, e mandou-lhe também dizer que só voltaria à terra quando estivesse tanto ou mais rico do que ele; que, do contrário, não punha cá mais os pés!

— Ora vejam o que é a sorte!

— É assim! Deu em enriquecer, e mandava sempre uma mesada à mãe.

— Por isso ela anda por aí muito gaiteira, e já não aparece na feira dos cinco a comprar e vender criação!

— Já não tem necessidade disso. Até parece que anda mais nova.

— É verdade! Olha a *bisnaga*! Se ela não tivesse tido a habilidade de arranjar aquele filho, não tinha agora uma velhice tão mimosa.

— Meu caro... é a sorte. Pois foi para o Brasil há vinte anos, pouco mais ou menos, pobre como Jó, sem saber ler nem escrever...

— Ora vejam!

— Quero dizer... ele aprendeu lá a ler, mas isso foi já depois de estar bastante rico. E fez bem. Um homem, com riqueza, sempre precisa de ter alguma instrução. Mas, quando foi, era um perfeito miserável. Pois dizem que tem uma boa fortuna.

— Meu amigo:

*“Se fores ao mar pescar,
Que a fortuna te não deixe.”*

— Isso, isso! Ah! Ah! Ah!

*“Lança as redes, vem-te embora,
Quanto mais burro, mais peixe.”*

E, batendo-lhe no ombro, disse para os do grupo:

— Vamos para a missa, que deve estar a começar.

Nesse mesmo dia, à tarde, o filho da tia Quitéria de Jesus fazia a digestão do jantar, preguiçosamente esperneado num escabelo, saboreando um aromático charuto, cujo fumo, desenrolando-se serenamente em espirais na atmosfera, ele contemplava com os olhos indolentemente semi-cerrados.

Estava só, na saleta térrea que lhe servia de triclinico, pois que a cozinha não era, segundo o seu modo de ver de homem rico, lugar apropriado para isso.

A mãe, na companhia de outra mulher que convidara para a ajudar nos serviços domésticos desse dia — dia de gala em casa da tia Quitéria — ultimava as arrumações da sua cozinha onde nesse dia um frango, uma posta de vitela e outra de carneiro e mais uns guisados, deram ás paredes denegridas a honra de as mimosear com um fumo mais agradável, impregnado de aromas recendentes que espantaram metade da vizinhança.

— Viva, sr.^a Quitéria! disse da porta da cozinha um homem de trinta e cinco anos, com a sua roupa domingueira de saragoça, fazendo uma mesura com o chapéu na mão. Então está contente, hein? Tem cá o seu filho...

— É verdade, Francisco. Como não hei de estar contente, se há tantos anos o não via?

— Decerto, decerto! Pois eu queria vê-lo, porque a gente gosta sempre de ver as pessoas do nosso tempo de rapaz... Ele é capaz de fazer que me não conhece... Deus Nosso Senhor deu-lhe sorte; enriqueceu, enquanto que eu, sempre...

— Não digas isso, homem! O meu Joaquim não é desses. Olha: entra para ali, que lá o encontras.

O nosso novo personagem era o vizinho mais próximo da sr.^a Quitéria (é necessário agora dar-lhe senhoria, em honra do dinheiro do filho); era um antigo companheiro do Brasileiro, inseparáveis no jogo do pião e na procura de ninhos. Vivia só com sua mãe, a tia Maria das Neves, que correra logo a dar os parabéns à sua vizinha e as boas vindas ao filho, a quem achou muito

desconhecido mas muito bom, com muito boa cor, que não parecia até vir de terras Brasileiras.

Ele abriu a porta que dava para a salita, e, lançando um olhar meio perscrutador, meio tímido, para dentro, perguntou da porta:

— Ó senhor Joaquim! Que bons olhos o vejam!

— Ah! és tu, Francisco? perguntou fleumaticamente, sem se mexer, o Brasileiro. Entra, homem. Entra, e senta-te aí mesmo nessa mala.

— Ora então, com sua licença. Pois eu, sabendo que vossa senhoria tinha chegado, mal parecia que não viesse visitá-lo, porque, sempre foi um rapaz com quem brinquei muitas vezes; lembra-se, sr. Joaquim, quando jogávamos o pião?...

— Ah! sim! sim! interrompeu o *bisnaga* com expressão de desdém.

— Depois, pensei lá comigo: ele sempre se há de lembrar de mim ainda, embora eu seja pobre e ele esteja rico...

— Arranjei uns patacos, é verdade. Não é muito, mas... contentar.

— Teve sorte! Teve sorte! É porque Deus lhe achou merecimentos para isso. Ah! quem o viu e quem o vê! Quando nós íamos à cata de ninhos, acolá por...

— Ah! sim! sim! Olha lá uma coisa: tu não fumas?

— Fumo...

E, puxando por um *kentuk*, ajuntou:

— É que eu não queria... faltar ao respeito...

— Ah! sim! Deixa lá isso; fuma este charuto. E deu-lhe um que tirou do bolso do casaco.

O filho da tia Maria das Neves pegou cautelosamente com dois dedos no charuto que o Brasileiro lhe oferecia, contemplou-o com um sorriso misto de parvoíce e de contentamento, e meteu uma das extremidades na boca.

— Espera lá, homem! É preciso apará-lo. Por onde diabo querias tu que saísse o fumo?

E deu-lhe um canivete, mostrando-lhe, para exemplo, o seu charuto, que tirou da boquilha de aros de ouro.

O Francisco cortou uma das extremidades ao charuto, e, depois de o meter na boca, puxou de um fósforo de pau, dos que vulgarmente se chamam de *espera galego* por causa da grande demora do enxofre entrar em combustão, e, raspando-o nas calças de saragoça, com ele acendeu o charuto.

Entretanto, a *bisnaga* recebe a visita, na cozinha, de varias vizinhas que a vêm felicitar pelo alegrão que a vinda do seu Joaquim lhe veio dar.

Este, abrindo a boca num cantarolado bocejo, pergunta ao seu antigo companheiro, que mais parece um servo que um antigo amigo dos tempos de rapaz:

— Olha lá uma coisa: a respeito de *pequenas*, como vai isso por aí?

E ao dizer isto, piscava velhacamente um olho.

— Há por aí uns peixões bem bons!

— Sim?

— Conheceu a tia Joana Maneta?

— A tia Joana Maneta?... Ah! aquela mulher que uma vez nos queria... Bem sei, bem sei. Então?

— Então, tem lá uma cachopa de estalo, aí dos seus vinte e dois anos!

— E será fácil de...

— Ai! Ai! Ai! Isso é só chegar-lhe! — e esfregava, um de encontro ao outro, os dedos polegar e índice. Fazem-se finas, os diabos! Há por aí um par delas que não vão assim com duas razões! Querem só que os rapazes lhes falem em casório. Mas vossa senhoria não precisará de muito trabalho. Isto de mulheres, cheirando-lhe a dinheiro... se não é uma é outra. Porque há por aí bastantes! Mas obra fina, daqui de traz da orelha, tem lá o tio Alameda!

— Alguma filha jeitosa, hein?

— Oh! de estalo! Isso é o que há de melhor por estas redondezas. Mas está nova!...

— Que idade tem?

— Deve andar pelos seus dezenove. Se tanto! Além disso, era uma grande desfeita ao velho, que é muito respeitado, e quer-lhe como à luz dos olhos.

— Isso de desfeita é o menos. O diabo é ela ser menor.

— Pois é isso... Ah! a propósito do tio Alameda! Não sei se vossa senhoria sabe que ele, além dessa rapariga, tem um filho aí dos seus vinte e quatro a vinte e cinco anos?

— Não sabia, mas fico sabendo.

— E vossa senhoria lembra-se da tia Rita Serôdia?

— Hum! Não me recordo, não.

— Bem, é a mesma coisa. Pois uma filha dessa tal Serôdia, uma rapariga toda espevitada e jeitosa, cantava ao desafio com qualquer, que era um gosto ouvi-la! O tal filho do tio Alameda também canta muito bem; é até chamado o rei dos cantadores, porque por estes sítios e arredores, não há ninguém que se lhe compare. Qualquer que se fosse bater com ele, era derrota certa. Ora essa tal filha da Serôdia, e que se chama Maria Luiza, deu em ir cantar sempre com ele; em todas as festas onde apareciam os dois, aí estavam em frente um do outro! Até algumas vezes ela vencia-o, mas dizia-se que era ele que o fazia de propósito. Mas mais tarde é que se soube que o rapaz dava o cavaco por ela, tanto que se tem feito os esforços para o retirar, porque dizem que casa com ela, e não ha meio; e é porque, segundo consta, a rapariga é mal empregada nele, porque se portava mal, e, além de ele ser um belo rapaz, estimado de todos, dá um desgosto ao pobre velho do pai, que não faz ideia. Ora por estas razões, é uma obra de caridade desviar o rapaz dali. Isto de mulheres, vossa senhoria sabe-o melhor do que eu, porque tem corrido mundo, em lhe cheirando a riqueza, iludem-se como ratos!

— Ah! Ah! Ah! Queres então dizer que, com duas arrastaduras de aza e outras tantas promessas...

— Ora nem mais! Além disso, não é mau petisco! E como anda toda inchada por o rapaz andar assim pela beíça, sabendo toda a gente o que ela foi, era bem feito.

— Oh! diabo! Mas é preciso fazer isso com jeito. Não vá o rapaz fazer alguma...

— Isso fica por minha conta! Com jeito tudo se arranja. Sou amigo do rapaz, começarei a meter-lhe em cabeça que a rapariga anda a perder a cabeça com vossa senhoria, que nem sequer ainda pensou nela, e, finalmente, quando vossa senhoria começar a entrar em combate, ela, com certeza, não resiste, e então eu direi ao rapaz se for preciso, que foi ela até que se entregou a vossa senhoria. Verá depois como ele até me agradece o cuidado que tive em lhe abrir os olhos.

— Bem. Arranja lá as coisas, e, quando for ocasião, mostra-me a rapariga. Agora ouve lá uma outra coisa: não há por aí quem queira vender uma

propriedade bem situada, que seja fértil, isto é, com água em abundância, e onde se possa fazer uma casa?

— Fala-se que o Lopes vai vender aquela casa com a propriedade que fica aqui nesta rua, à beira da estrada, mesmo à esquina da viela da Nora. É um aido grande, tem boa água, e está num sítio lindo, donde se vê o campo todo...

— Pois isso é que me convinha comprar.

— Se vossa senhoria quer, vamos ter com ele, e, se o homem estiver resolvido...

— Paga-se-lhe bem e...

— E arranja-se tudo à sorrelfa; escusa de a anunciar.

— Pois é isso. Vamos então lá.

CAPÍTULO 9

Estava-se no princípio da primavera, a quadra em que a natureza, banindo a melancolia em que estivera mergulhada durante alguns meses, começa a vestir-se de galas. As árvores que, na nudez dos seus ramos, só inspiravam tristeza, começam a revestir-se de uma folhagem pequenina e tenra, e os passaritos, passeando de umas para as outras, chilreando, cantando, juntam a sua alegria à alegria da natureza, parecem inebriados com tanta doçura.

Era num dia límpido da primavera, às sete horas da manhã — uma manhã de agradabilíssima frescura, clara, serena, animada por um sol cheio de vida e sorridente, pairando no céu azul e coando-se através da atmosfera de uma extrema limpidez — uma destas manhãs cheia de vida que, gozadas na aldeia, teriam o dom sobrenatural de inocular no ânimo de um desvairado o gosto pela vida de que estivesse prestes a desfazer-se.

O tio José da Alameda, sentado no muro da sua eira, contempla o aido com um sorriso de amargura e satisfação. Contempla as árvores rejuvenescendo de encantos, muitas das quais ele plantou e outras lhe foram legadas por seus pais; faz passear a sua memória pelos tempos passados, recordando, com amarga saudade, esses tempos ditosos que foram para nunca mais voltar, e, na sua profunda abstração, estremece à voz de um homem que, por detrás de si, o chama.

— Viva, sr. José! Está gozando a frescura da manhã, hein?

Ele voltou-se, e viu na sua frente o filho da sr.^a Quitéria de Jesus, de arma ao ombro, trajo de caçador, chapéu mole derrubado e cheio de orvalho.

— É verdade, sr. Joaquim Veloso. (O Veloso, tomou-o ele por lhe parecer um nome pomposo que se casava bem com a sua situação). Então anda caçando, logo de manhã?

— Saí a dar um passeio matutino, eram cinco horas. Dei uma volta ali pelas Chans, e matei dois melros, que trago aqui na bolsa. Apenas para me entreter e gozar a manhã que está muito linda, e fazer vontade ao almoço. Entrei por aqui dentro sem pedir licença...

— Ora essa! Não precisa! Quando quiser, não só o meu aido está ás suas ordens para passear, mas também a minha casa está sempre aberta para o receber.

— Muito obrigado! Muito obrigado!

— Olhe: vamos até lá e descansa um pouco. Entretanto faz-se o almoço e...

— Oh! sr. José! Muito obrigado pela franqueza!

— Obrigado pela franqueza! Essa não é má! Nem pelo almoço eu quero que me fique obrigado...

— Mas deve compreender que também devo ter o meu à espera em casa, e...

— Mas também compreendo que, depois de uma passeata dessas, deve trazer bom apetite; e como a sua casa ainda fica distante...

— Oh! senhor! Nesse caso, obriga-me a almoçar duas vezes...

— Olhe que não faz mal nenhum! Eu, quando era da sua idade, era capaz de almoçar três vezes. O senhor desculpe-me a franqueza com que lhe falo...

— Oh! nem nisso se deve falar. E já que assim quer, terei hoje o prazer de almoçar na sua amável companhia.

— Vamos lá. Se estamos com cerimônias, não saímos daqui hoje.

E o velho, travando-lhe do braço, encaminhou-o para casa, que ficava a cerca de cem metros.

Conversando e parando a cada passo, o tio Alameda ia-lhe falando da agricultura daquele ano, que prometia não ser fecundo, de pouca novidade, pois que, se assim continuava o tempo, sem chuva, ter-se-ia um ano de fome; aplicou o adágio “se não chover em março e abril, venderá el-rei o carro e o carril”.

— Olhe o sr. Veloso: há um ditado que diz “em março queimou a velha o maço; em abril queimou o carril; uma cama que lhe ficou, em maio a queimou; e ainda lhe ficou como um punho, que o queimou em Junho”.

O Brasileiro ria-se dos ditos do tio Alameda, e interrompia as suas considerações sobre a agricultura, de que não percebia nada, com monossílabos, acenos de cabeça e breves repetições do que ia ouvindo. Por fim, a conversa incidiu sobre coisas de que já podia falar, e, como quase todos os indivíduos que, tendo nascido na lama, se vêem um dia deitados em leitos fofos e voluptuosos e gostam de alardear os seus haveres, ele falou dos seus negócios, das transações dos seus capitais, dos seus projetos da vida futura que tencionava passar, na aldeia onde nasceu, falou da compra da propriedade ao Lopes, onde andava já a construir uma casa, etc., etc.

Por fim, chegaram, ao cabo de uma boa meia hora, a casa do tio Alameda.

— Helena! chamou o velho ao chegar a casa. O sr. Veloso almoça hoje conosco. Prepara-lhe o almoço.

Helena viera lesta ao chamamento do pai e recebeu com um encantador sorriso o seu hospede que, levando a mão ao chapéu, a cumprimentou com uma mesura envolvendo-a num olhar de simpatia.

O tio Alameda conduziu-o à sala, onde conversaram enquanto Helena, coadjuvada por Júlia, prepara um succulento fricassé com ovos e linguiça.

Às oito e meia chegavam João e Paulo do trabalho, jaqueta ao ombro, as calças empoeiradas.

— Helenzinha, perguntou João entrando alegremente na cozinha; está pronto o almoço?

— Sim senhor. — E acrescentou a meia voz: temos cá hoje um hospede para almoçar.

— Um hospede? E quem é?

— O Brasileiro, o sr. Veloso.

— O sr. Veloso?! E a que propósito vem esse homem almoçar hoje cá?!

— Oh! parece que não ficaste contente! respondeu contristada. Estás zangado com ele, João? perguntou com visível ansiedade.

— Não, não estou. Mas parece que tu... parece que te preocupas muito com ele?

— Ora! Isto é jeito meu, respondeu com um sorriso; e, para ocultar uma leve vermelhidão que lhe tingiu as faces, o que não passou despercebido ao irmão, afastou-se, dizendo:

— Ah! que já me ia esquecendo o estrugido!

Entretanto, Júlia ia estendendo sobre a mesa a toalha, sorrindo angelicamente para Paulo que a contemplava apaixonadamente com o rosto entre as mãos e os cotovelos apoiados sobre a mesa.....

Terminado o almoço, o sr. Veloso despedindo-se cortesmente e muito reconhecido pelas deferências com que aquela excelente gente o tratara, e intimamente jubiloso pela retribuição de olhares ternos com que galanteara disfarçadamente Helena prometeu voltar uma vez por outra, fazendo ao mesmo tempo com antecipação o convite para irem igualmente à sua casa nova, logo que estivesse concluída.

— Isso ainda leva uns mezos, dizia o tio José. Segundo dizem, vai ficar uma obra boa, e...

— Também me custa a módica quantia de três ou quatro contos!

— Meu amigo! Trabalhou, para agora gozar. É porque Deus lhe achou merecimentos para isso.

O sr. Veloso encolheu ou com modéstia ou com desdém os ombros, e, estendendo a mão ao velho, cumprimentou com uma vênia a família.

— Pois faz-me um grande favor em vir por aqui bastantes vezes para me entreter, dizia-lhe o velho, apertando na sua mão rugosa a mão macia do Brasileiro. Um velho como eu, que já não pode ir trabalhar, estima sempre que lhe façam companhia, mormente pessoas delicadas como o sr. Veloso.

— Afinal, continuou, voltando para dentro depois que o Brasileiro partiu — dizem que é muito cheio de presunção e vaidade. Não acho! Parece-me até muito boa pessoa! Muito cortês, delicado e parece ter muito bom coração. Parece muito bom sujeito.

— Parece muito bom sujeito, parece! repetiu quase maquinalmente, como num eco, Helena.

Paulo e Júlia, a quem não passaram de todo despercebidos os olhares incendiados que o sr. Veloso deitava a Helena, trocaram um sorriso; e João, pegando no casaco, pô-lo ao ombro, e pondo-se a caminho, precedido de Paulo, murmurava consigo:

— Será muito boa pessoa, será! Pode até ser um santo! Mas... não vai à minha missa! Aquele olhar não indica coisa boa!... E então a lorpa da minha irmã a modos de... Isto de mulheres!... Ora faça ele alguma, e verá quanto pesa um marmeleiro!... Pensa talvez que ainda está no Brasil? Experimenta! Experimenta, que o cacete t'o dirá!...

E caminhando alguns momentos silencioso, continuou, monologando, num inteligível crescendo:

— Vêm para aí com uns poucos de contos, ganhos sabe Deus como, e, sem se lembrarem que já foram uns pelintras, uns miseráveis, fazem-se então uns pedaços de asnos que pensam terem o rei na barriga!... Ora vem para cá com as tuas bazófras, que eu te ensino como se bate um lombo!... Tem então lá um palerma de um vizinho, mais chapado que um portão de ferro, que — Ah! Ah! Ah! até dá vontade de rir! — me vem dizer “que tome conta na Maria Luiza, que anda tola pelo *bisnaga*! Que era só ele fazer um gesto, que a rapariga era dele! Que Deus me livrasse de ele tomar a peito fazer-me alguma desfeita!” Que grande bruto me saíste, Francisquinho das Neves! Que se livre mas é ele! Ah! Ah! Ah! A Maria Luiza! Que dois brutos me saíram o *bisnaga* e o Neves! Este, embruteceu com o dinheiro; o outro, embruteceu talvez pela grande vontade dele! Ah! Ah! Ah!

— Ó patrão! Então o tio Francisco das Neves disse-lhe essas coisas?!

— Pois tu vinhas aí, rapaz?!... Diabo! Nem me lembrava de ti, homem. Não digas do que ouviste, percebes?

— Sim senhor.

— Tudo aquilo que eu vinha a dizer, é como se ninguém o ouvisse...

— Não há duvida, patrão.

CAPÍTULO 10

O Francisco da Neves tornou-se o confidente do filho da sr.^a Quitéria de Jesus.

Com uma dedicação quase servil que, geralmente, todos os imbecis prestam aqueles que, graças à plutocracia, têm o dom de os fascinar como um individuo, com o poder soporífero, hipnotiza a sua vítima, o filho da tia Maria das Neves passou, por assim dizer, a exercer as funções de um cão fiel, pronto a defendê-lo na primeira arremetida que lhe fizessem. Com uma diferença, porém: o cão serve seu amo a troco do alimento que lhe dá, e o Neves dedicou-se ao Veloso de corpo e alma, imbecilmente, com a dedicação dos espíritos boçais que se inclinam, sem mesmo saberem nem procurarem saber o motivo, a uma causa.

Confidente dos seus mais importantes negócios, ele estava ao fato das ninharias mais abjetas da vida íntima do Brasileiro.

— Francisco, disse-lhe este apenas chegou de casa do tio Alameda, após o que foi logo procurar o vizinho — parece-me que estou apaixonado pela filha do Alameda.

— Vossa senhoria fala sério?! Onde a viu?

— Estive lá em casa esta manhã, e até me deram de almoçar. O velho é um belo homem, coitado. Mas o filho é que me parece pouco de brincadeiras! E é por isso que venho prevenir-te para que haja toda a cautela no negócio.

— Pois então vossa senhoria, gostando assim, como acaba de dizer, da rapariga, ainda tem coragem de...

— És pateta! Mais motivos há para desviar o rapaz. Eu gosto da irmã a valer. Sou até capaz de casar com ela: por isso tenho a obrigação de pugnar pela honra da minha futura noiva. Percebes?

— Perfeitamente. Diz vossa senhoria que...

— Digo que vou empregar os esforços para que o filho do Alameda deixe a tal Maria Luiza. Mas agora é preciso tento no jogo! — E, falando mais confidencialmente, continuou — Eu vou, primeiro que tudo, ver se engano a Helena. Não sei se me compreendes...

— Muito bem. Eh! Eh! Eh! Vossa senhoria sempre tem uma arte!

— Entretanto, vai vendo se despersuades o rapaz do que lhe disseste. Dize-lhe agora que fizeste aquilo, somente para o ralar, que é para ele não andar de pé atrás comigo.

— Percebo muito bem.

— Depois... eu te direi, quando as coisas estiverem em bom caminho, o que hás de fazer. — E juntou com um sorriso malicioso: — E é mais uma sopa que se molha... Porque a Maria Luiza ainda não é má de todo!...

— Eh! Eh! Eh! Vossa senhoria tem uma arte! Tem uma arte!... É capaz de as levar todas a fio!...

— Pois tu não sabes, homem, que o dinheiro faz tudo? Acaso serei mais bonito do que os outros? Não! Ha até por aí caras muito melhores do que a minha. Mas... bem vêes que hoje o mundo não olha a formosuras... Isto em questões desta ordem. Mas, como te ia dizendo, tu, agora, nem mais um pio dás sobre o caso: só dizes ao filho do Alameda que aquilo foi um gracejo da tua parte...

— Sei muito bem.

— Que é para eu cá dispor as coisas à minha vontade.

— Já está mais que percebido.

— Eu agora vou fazendo umas visitas a miúdo lá a casa do Alameda, e a rapariga, que não parece desgostar de me lá ver, ir-me-á assim ganhando uma certa amizade... um certo amor... até que...

— Vossa senhoria lá arranja! E, quando for preciso farejar...

Ainda bem que o filho da tia Maria das Neves reconhecia — ou talvez o dissesse instintivamente! — a categoria do seu baixo mister.

CAPÍTULO 11

Fins de abril, em plena primavera que, depois de uma pequena quadra de chuva, decorria garbosa e sorridente como uma criança.

Era uma noite serena e sem luar, apenas alumiada pela luz tibia das estrelas.

Um sossego religioso repousava sobre a aldeia, apesar da hora pouco adiantada da noite — eram nove e meia.

Na aldeia, os homens têm por norma a natureza: levantar com o sol e recolher com ele. Não ha o bulício noturno confuso e às vezes estonteante dos grandes centros, com os seus pontos de reunião e cavaqueira nos cafés, cassinos e teatros. Chegada a noite, cada lar é um cenáculo de alegria, paz e amor, e somente às vezes, quando nas noites longas de inverno podem dispor de algum tempo de distração, juntam-se, até ao toque das almas, meia dúzia de homens numa ou noutra loja, onde ouvem ler o jornal que o lojista assina. “As noites dão para tudo”, dizem então. É aí, nas lojas, e nas casas de barbeiro, ao sábado, que se estabelecem os principais pontos de reunião — os núcleos da ingênua cavaqueira do povo da aldeia, onde se ventilam os sucessos ocorridos que mais impressionaram a curiosidade pública.

Era uma noite serena e sem luar, e nem a mais leve aragem fazia mover as folhas das árvores. A amplidão do céu, recamado de miríades de estrelas, parecia um imenso campo cheio de flores.

A portaria do alpendre da casa do tio José da Alameda abriu-se cautelosamente, e um vulto, espreitando para a rua, se desenhou na sombra.

Em seguida um outro vulto — o vulto de um homem encapotado — se deslocou do escuro do cômodo fronteiro, e aproximou-se.

— Boa noite, menina Helena, disse, a meia-voz, o homem, ao aproximar-se.

— Boa noite, sr. Joaquim, respondeu timidamente a voz doce de Helena.

— Não sabe, não pode calcular a satisfação que me dá, acedendo aos desejos do meu coração, que há tanto tempo ambicionava expandir-se, que há tanto tempo suspirava por traduzir por palavras o fogo que o apoquentava e que só tenho podido exprimir por olhares!

— Senhor Joaquim, deve também calcular, atendendo à gravidade do passo que dei comparecendo à entrevista que prometi, que o meu coração não é insensível aos sentimentos que vossa senhoria diz ter por mim, e que me parece ter lido nos seus olhos: a não ser que eu me engane, porque não tenho experiência do mundo...

— Helena da minha alma! Oh! eu amo-a muito, muito! Prouvera a Deus que da sua parte houvesse para comigo igual afeto!

— Ha! Talvez mais...

— Oh! Não diga isso! — E, tomando-lhe as mãos, continuou com ardor crescente — É fazer uma injustiça ao meu amor por si, que não tem limites!...

— Será o que diz... não duvido. Mas deve atender a que, para eu dar este passo, devia haver da minha parte uma grande luta do coração com a razão, em que esta ficou vencida por aquele...

— Sim: compreendo isso, e oxalá que eu tenha a felicidade de poder mostrar-lhe o meu reconhecimento de forma que possa satisfazer as aspirações do meu coração!

— Isso, senhor, só depende de si. Eu, uma mulher que pela primeira vez sente o perfume das flores do amor que o calor dos seus olhos teve o poder de fazer desabrochar, outra coisa não desejo que a minha felicidade, que consiste em gozar, na companhia do ente por quem o meu coração suspira, a vida inteira.

— É esse também o meu desejo, Helena. Por esse mundo por onde andei, vi muitas mulheres, muitas das quais algumas extremamente formosas. Mas agora, Helena da minha alma, daria todas elas, todas, por si só!

— Oh! Nunca há de ser tanto assim, respondeu ela candidamente, com um sorriso. Eu, uma simples mulher do campo, valerei mais que todas essas...

— Vale, para mim! Nem eu mesmo sei explicar o motivo desta minha transformação. Acredite-me, Helena! Eu amo-a muito, muito!

E, com as mãos dela enleadas nas suas ia dominando, a pouco e pouco, transmitindo-lhe o calor que o inflamava, aquele anjo tão belo e tão Candido, que pela primeira vez ouvia aquela linguagem que lhe ecoava nos ouvidos como uma música celeste, causando-lhe no seu intimo sensações até aí desconhecidas, de uma indizível suavidade.

— Não acredita, Helena? perguntava ele, apertando nas suas mãos febris as mãos trêmulas dela.

— Acredito. Eu também o amo muito...

— Oh! muito!... muito!... Vós, as mulheres, sabeis tão bem fingir um sentimento que não tendes, que não sei se a hei de acreditar!

— Pode acreditar. Por Deus lhe juro que o amo. Mas peço-lhe que fale mais baixo, porque Deus me livre que alguém ouvisse!

— Não tinha duvida! Que me importa o mundo? Helena há de ser a minha mulher, em breve o mundo o verá! Sim! Nesse caso, que importa que nos vissem?

— Fale mais baixo, senhor. Pode vir meu irmão, e pensar... Deus nos livre que ele viesse dar conosco a estas horas a falar!

— Sim. Tem razão. Podia formar maus juízos e seria perigoso. — E, baixando a voz e aproximando do rosto dela o seu, murmurava-lhe palavras ternas ao ouvido, que ela ouvia como num cicio dulcíssimo. — Helena, meu amor! Dizes que me amas! Isso dar-me-ia tanta felicidade, que o julgo quase impossível! Se eu fosse pobre, talvez acreditasse no que dizes. Aí está para que serve o dinheiro! Para nos lançar o coração no desespero! Helena! Juras que me amas?

— Juro!...

A sua voz era trêmula; e ele, tendo-lhe lançado um braço à roda do pescoço, com os lábios colocados ao ouvido dela, murmurava-lhe com meiguice:

— E juras amar-me sempre?

— Sempre!...

— E muito? Tanto como eu a ti?

— Sim! respondia ela com a voz apagada, completamente dominada por aquele braço que lhe paralisava as forças de ânimo e as físicas.

Ele então depositou numa das faces daquele anjo que se lhe abandonava inconscientemente, um beijo ardente de impudicícia, semelhante a um salpico de lama que caísse numa das pétalas dum alvíssimo lírio.

E nada mais se ouviu, senão o arrastar surdo e quase imperceptível da portaria que se fechava ocultando à exígua claridade da estrada as sombras unidas daqueles dois seres apaixonados — um, com um sentimento todo ideal, todo celeste; outro, com um sentimento todo terreno, todo lúbrico.....

A lua erguia-se no horizonte melancólica e triste, quando a portaria se abriu, inundando o alpendre um jorro de luar.

Helena estremeceu, e, apertando fortemente o braço de Joaquim, exclamou:

— O luar não te parece hoje mais sombrio e a lua mais tristonha, Joaquim?!

— Tontinha! Até me parece mais alegre! Olha como ela sorri! Está-nos anunciando um paraíso de felicidades.

— Deus te ouça. Mas parece-me ver no rosto da lua uma expressão de tamanha melancolia!

— Ora! Havemos de ser muito felizes. Olha: a minha casa — a nossa casa! — daqui a três ou quatro meses fica pronta. Depois viveremos lá juntinhos; iremos passear por aqueles caminhos do outeiro, à tardinha; e havemos de ir, à noite, para a janela ou para o jardim, que hei de mandar fazer, ver nascer a lua a sorrir-se para nós.

— Oxalá que sim! Deus te ouça! E juras-me que farás a minha felicidade?

— Helena! Juro-te, pelo Deus que me protegeu durante muitos anos por esse mundo além, que hei de fazer a tua felicidade!

E, depositando-lhe um beijo na fronte, disse:

— Adeus. Até amanhã.

— Adeus Joaquim!

Helena conservou-se à porta até ver desaparecer o vulto do seu bem-amado numa curva da estrada.

Suspirou, olhou outra vez para a lua, e, ao voltar para dentro, ouviu o piar lúgubre de uma ave noturna.

Estremeceu, e, fechando a portaria, murmurou estarrecida:

— Jesus! Não sei o que o coração me adivinha!...

CAPÍTULO 12

E Maria Luiza?

Maria Luiza vive feliz na companhia de sua mãe, na reclusão da sua casinha, aonde, todas as noites, o João da Alameda vai levar ao seu coração o bálsamo suavíssimo da esperança.

Que importa que o vento sopra frígido e impertinente lá fora, se temos dentro de casa o lume acariciador que nos salvaguarda do rigor das intempéries?

Mas, como sucede a tudo neste mundo, as línguas maledicentes foram afrouxando, e Maria Luiza começa a ser envolvida no esquecimento, que é para ela de um prazer indefinível.

“Eles tanto não de falar, que não de cansar!” dizia-lhe o João, sempre que ela, contristada, procurava na doçura das suas palavras animadoras refrigério para as mágoas que a afligiam.

E com efeito, ela, ao sair de manhã a buscar à loja a sua provisão diária, já não ouve os dichotes com que a princípio alguma boca menos polida lhe feria os ouvidos e que muitas vezes lhe faziam marejar de lágrimas os olhos. A torrente do enxurro foi afrouxando de impetuosidade; e agora, já de quando em quando lhe soa ao ouvido um “adeus” pronunciado com um certo acanhamento, com uma espécie de arrependimento.

Os vaticínios do tio Alameda iam-se realizando — á tempestade segue-se a bonança; a verdade é como o sol que dissipa as trevas mais espessas.

Mas a verdade ainda se não patenteava e apenas se iam notando uns certos retraimentos de ânimo nos empreendedores dessa nefasta cruzada que, longe de se inspirar em sentimentos humanitários e altruístas ou obedecendo aos princípios dum dever e virtude cívicos, inspirava-se, vergonhosa e torpe, no vil sentimento da inveja.

Contudo era já um sintoma de justiça. Esta viria, no tempo devido, a ocupar o seu lugar, e Maria Luiza começava a sentir as delícias de um próximo regresso á vida alegre, de um lento ressurgimento ao convívio das suas amigas em cujo olhar já lia o arrependimento.

E Maria, neste desanuviar do horizonte, antevê já um paraíso de delícias, muito distante, mas para o qual ela se encaminha a passos de gigante. No dissipar,

ainda que lento, dos densos nevoeiros que lhe toldam o horizonte, ela sente nascer em si uma alma nova, e no céu azul, outrora carrancudo e tempestuoso, ela pensa ver um sorriso desprezioso e ingênuo, como que anunciando-lhe não somente o regresso à vida de outrora, mas um mundo desconhecido, uma vida de fausto...

Ela afugenta da sua imaginação tais devaneios, e refugia-se então na meditação das palavras do seu João, a sua única esperança, a sua vida, porque foi ele, durante seis meses, a sua vida, e continuará a sê-la... Sim! Continuará a ser a vida de Maria Luiza! Que importa as fanfarras do sr. Veloso com o seu dinheiro? Poderá ela olvidar, num momento, seis meses de dedicações, seis meses que são todo um protesto eloquentíssimo de um coração apaixonado? Não! Maria Luiza não pode ouvir-te, ó novo Creso da modesta aldeia, onde dardeias mundos e fundos com que pretendes fascinar, com o brilho das tuas libras, o olhar ingênuo e inexperiente deste santo povo!

Maria Luiza repudiar-te-á! Olha como ela recebe, com a alma querendo chispar-se em jatos de luz pelos olhos, o seu João!

Ele delineia, em palavras animadas da mais firme esperança, o seu futuro — o futuro de ambos! — risonho como o sol ao nascer, lindo e aromático como um campo coberto de flores.

E ela ouve, extasiada, essas palavras que para si valem como se viessem da boca de um profeta.

— Maria! tinha-lhe dito há três meses, radiante de júbilo, o seu João — Meu pai pediu-me hoje explicação duns ditos que lhe foram assoprar. Disseram-lhe que eu te amava apaixonadamente, e que era mal empregado em ti. Convenci-o de que o enganaram. E ele — que coração de ouro! — acreditou-me; prometeu-me até dar o seu consentimento para eu casar contigo. Mas disse-me que deixássemos passar primeiramente a tempestade, que havia de serenar como serena o mau tempo que Deus manda. Beijei-lhe as mãos em sinal de reconhecimento; e vi-lhe nos olhos duas lágrimas! Que coração aquele!

— É como o teu, João!

— É melhor, é melhor que o meu. Depois, contei-lhe também que todos os sábados ia ao celeiro buscar o milho que te trago; e ele, não só me perdoou, mas ainda elogiou o meu procedimento. Já vêes que, com um pai assim, não devemos pensar senão em sermos felizes. Quando essas línguas malvadas deixarem de falar, então... verás! verás!

Maria Luiza estava um dia sentada a costurar à janela da sua casinha. Era à tardinha, princípios de maio. Pelo campo ouviam-se aqui e além os balidos dos cordeiros retouçando em volta das mães, e o mugir das vacas jungidas à canga puxando pacientemente a charrua que rasgava a terra, e as vozes dos lavradores incitando os animais ao trabalho, e os cantares alegres das crianças que guardavam as ovelhas.

Maria Luiza está mergulhada no turbilhão dos seus pensamentos, sem prestar atenção a toda esta harmonia do campo, nem às melodias de um rouxinol que canta em frente da sua janela.

Mas o rouxinol interrompeu a sua cantilena. Seria despeitado pelo desprezo da Maria Luiza? Não; porque esta também daí a momento estremeceu, cortando o fio aos seus pensamentos. Estremeceu à voz de um homem que a saudava da rua.

— Olá! menina! Boa tarde!

Olhou e viu na sua frente um homem bem vestido, simpático, sorrindo para ela.

Ela reconheceu-o, porque respondeu, um tanto admirada, mas com a mesma expressão sorridente:

— Boa tarde, sr. Veloso!

— Oh! conhece-me, e eu não tenho a honra de a conhecer!

— Quem o não conhece nesta terra, senhor? Numa terra de pobres, um rico é bem conhecido, respondeu ela sempre com o sorriso a brincar-lhe nos lábios.

— Numa terra de pobres!... Sim! Terra pobre de dinheiro, mas rica de formosuras.

— Não percebo bem o que vossa senhoria quer dizer..., respondeu um tanto embaraçada.

— Quero dizer que tenho aqui encontrado mulheres formosas como em parte alguma por onde tenho andado. Vou para um lado, encontro uma rapariga bonita! Vou para outro, encontro uma ainda mais bonita! Vou para ali, outra mais bonita ainda! Venho para aqui, e encontro a menina, mais bonita que todas as outras!

— E vai por aí abaixo, e encontra outra mais bonita que todas...

— É impossível. Parece-me que a escala das mulheres formosas parou aqui. É impossível mesmo que continue... A menina desculpe-me o atrevimento com que me dirigi a si, sem a conhecer, mas...

— Oh! senhor! Não tem nada que...

— Mas é que eu, com franqueza o digo, não pude resistir à vontade de contemplá-la mais detidamente que por um simples relance. Fiquei impressionado com os seus encantos. Eu costumo dizer o que sinto e perdoe-me se a ofendo com a minha franqueza.

— Oh! Não diz nada que me ofenda. São umas mentiras tão sem valor, que...

— Creia! isto é do coração. Trabalho tinha eu em chegar ao pé de todas as mulheres de que gostasse e dizer-lhes: “a menina é bonita!” Não! Agora é que realmente fiquei deveras impressionado, e não pude resistir à vontade de contemplá-la por momentos, já que não poderei contemplá-la todas as vezes que quiser, durante toda a vida. E então havia de estar pasmado no meio do caminho, a olhar para si sem dizer palavra? Digo então o motivo da minha admiração.

— É uma questão de pachorra...

— Não é, creia. É uma simpatia que a menina me inspirou. Não é uma simples curiosidade ou pachorra, como diz, o contemplá-la por a sua beleza ter despertado a minha atenção. É que realmente no seu todo ha não sei quê que cativa; e parece que quanto mais tempo aqui estou, mais cativado fico! Vou-me então embora, para não ter de ficar aqui toda a vida.

— Oh! snr. Veloso! Seria melhor que mentisse menos; retrucou ela sempre com o mesmo sorriso.

— Aí está como são as coisas no mundo! Muitas vezes um homem serve-se de mil embustes que são acreditados como as palavras do Evangelho; e eu agora, dizendo o que realmente sinto, sou considerado um impostor! — E acrescentou, com expressão fictícia de pesar — Mas não admira, porque, segundo o mesmo Evangelho, Cristo só fazia bem e dizia verdades, e contudo foi castigado como o maior dos embusteiros e como um grande criminoso...

— Peço-lhe perdão, se o ofendi; eu não queria chamar-lhe impostor. Queria somente dizer que, embora as suas palavras tivessem um fundo de verdade — atreveu-se ela a dizer — não deixavam contudo de ter os seus enfeites para... para se tornar talvez mais agradável...

— Ora ainda bem que faz um pouco de justiça aos meus sentimentos. Alguma justiça... não toda a que eles têm direito. Mas...

— É melhor mudarmos de conversa, ou retirar-se, sr. Veloso, porque sinto que minha mãe chegou agora a casa e...

— Eu retiro-me. E peço-lhe que não fique fazendo fraco conceito das minhas palavras. Se simpatizar com uma pessoa é crime, peço-lhe humildemente perdão... e adeus!...

— Adeus, sr. Veloso.

— Bem! Isto não correu mal! ia o Brasileiro dizendo com os seus botões.

E, sorrindo, continuou:

— Isto de mulheres!... Pelam-se porque as gabem! E, com franqueza, o demônio da rapariga não é peste nenhuma! Por isso o rapaz deu em embeijar com ela! Tem uns modos agradáveis, um sorriso muito ingênuo... Nem parece o que dizem. Mas... as mulheres são impostoras como o diabo. Nem que eu as não conhecesse! Oh! conheço-as tão bem como a mim mesmo! Ou talvez melhor, porque muitas vezes não sei o que quero, e o que elas querem sei eu muito bem... Com mais duas ou três palestras, sonda-se a coisa; por demais é fingir-me apaixonado e prometer-lhe uma vida de fidalga. Prometer-lhe-ei até casar com ela, pois que duvida há nisso? Dir-lhe-ei que fiz uma promessa de casar com uma mulher pobre de quem gostasse, se a sorte me ajudasse. Valeu! Que bela ideia! E o rapaz, quando o souber, que se cale com a roupa. É para bem dele... e meu! — acrescentou com um sorriso velhaco. Ah! Veloso! Veloso! Não há mulher que te resista!...

E caminhava cheio de contentamento, em direção ao campo, rindo-se sozinho, como um idiota.

O sol declinava, quase a submergir-se. Uma doce penumbra começava já a inundar o campo, e aqui e ali, bandos de meigas ovelhas, barregando, eram apartadas em manadas por pequenos guardadores que, de chibata ao ombro, se punham a caminho de casa, assobiando ou cantando, precedendo os rebanhos.

— Ora vamos cá dar uma passeata pela fresca até ao campo, monologou o sr. Veloso, espraiando a vista pela planície, empertigando-se e afrouxando o andar, de mãos nos bolsos das calças.

Uma criança de oito anos, pobrememente vestida, mas com uns olhos cheios de vivacidade, conduzia uma manada de ovelhas e, ao passar pelo Brasileiro, interrompeu a cantilena que vinha assobiando, e disse:

— Adeus!

O sr. Veloso respondeu à salvação cheia de candura da criança com um quase imperceptível e mal humorado “adeus”, resmungando em seguida:

— Que raio de costume! Podem esquecer-se de comer. Mas de incomodarem as pessoas com estes impertinentes “adeus” que nada significam e que não se esquecem! E os filhos já vão pela mesma toada!... Que raio de costume!

O sol escondera-se e a penumbra ia-se tornando cada vez mais espessa; uma suave nebrina se evolava mansamente sobre o Vouga.

O sr. Veloso parou num sítio ensombrado pela ramagem de um espesso salgueiral, onde dois caminhos se cruzavam; puxou de um charuto que acendeu, e retrocedeu.

Ouviam-se os balidos das ultimas ovelhas que recolham aos apriscos, e as Ave-Marias soaram, lentas e cheias de ternura, nos sinos da igreja.

— “Trindades na aldeia são horas de ceia”, dizem eles por cá. E não há remédio senão dizer e fazer como eles, quando não chamam-me figurão.

Quando passou à porta de Maria Luiza, a janela estava fechada. Parou alguns instantes em frente da porta, e ouviu uma toada de duas vozes distintas que se alternaram.

Aproximou-se e escutou. Mãe e filha rezavam o terço.

CAPÍTULO 13

Maio florido, maio encantador e poético, porque foste traidor?!...

Um sol cheio de vida espalhava-se por estas colinas verdejantes bafejadas por uma brisa fagueira e meiga, semelhante ao hálito da boca de um anjo. Cada despontar do sol era precedido de uma longa e pitoresca sinfonia executada por milhares de gargantas de passarinhos chilreantes, alegres como crianças. Estes outeiros, elevando-se garbosamente em ondulações suaves, eram tablados do mais colorido e pitoresco cenário — o magnificante cenário pintado pela mão da natureza, ao ar livre, com ramagens reais e pujantes de seiva e frescura, debaixo de um céu ofuscante de beleza.

Tudo era poesia, tudo era amor.

O próprio Vouga, correndo por entre duas alas de salgueiros viçosos que se bamboleavam donairosos retratando-se cheios de vaidade na superfície polida das águas, sorria-se para eles, com um sorriso amargo de despedida, beijando ternamente as franjas da sua ramagem verde que sobre ele se debruçava com carinho.

E tu, maio risonho, deixaste que um branco e puro lírio que embelezava o teu jardim, roçasse as suas pétalas mimosas na terra negra e imunda!

Maio florido, maio risonho e poético, porque foste traidor?!...

O coração humano e, em especial, o coração da mulher, é uma fonte de enigmas.

Maria Luiza, a flor predileta do jardim do amor do João da Alameda, o anjo tutelar dos sonhos doirados desse mancebo que nem talvez por pensamentos lhe tivesse profanado a candura, essa mulher que alcançara de um coração bondoso quanto amor se pode dedicar a um ideal e quanta dedicação se pode prestar a um ente que vê diante de si o caos horripilante da desgraça e da miséria — Maria Luiza cedeu às insidias do Brasileiro, vergou à lógica revoltante das suas palavras maléficas como a tenra açucena da encosta vergada ao sopro do Aquilão.

Desde então, parece que até a sua casa ficou com um aspecto tristonho, que o rouxinol que, de madrugada e à tardinha, ia cantar para defronte da sua janela, já não sabia canções alegres, e que os cordeirinhos, balando em volta das mães que pastam no campo, já não retouçam como costumavam.

O triunfo, porém, que o sr. Veloso alcançou, longe de o contentar, foi contra a sua expectativa e contra a nossa, leitor, porque de noite, ao chegar a casa, o sr. Veloso encomendava ao diabo tal triunfo mais a lembrança que o vizinho Neves teve quando lhe aconselhou tal coisa.

Nessa noite, às horas do costume, compareceu à entrevista com Helena, a quem continuava a acalantar com a esperança de dias felizes passados na sua casa nova.

Nessa noite, porém, a demora foi curta.

Alegando uma forte enxaqueca que o tinha apoquentado todo o dia, retirou-se e recolheu a casa onde, ficando os cotovelos sobre a mesa, meteu a cabeça entre as mãos, e cismou mais de uma hora.

Parece que não tirou resultado da sua meditação — que era antes uma catadupa de pensamentos que se amontoavam no seu cérebro — porque, levantando-se mal humorado, pôs-se a passear agitado na sua sala de pavimento térreo.

Outra hora assim passou nestes curtos passeios que, ligados, dariam para cima de uma boa légua, até que resolveu deitar-se.

Se dormiu ou não, é que ainda não sei. Ele o dirá amanhã ao seu amigo Neves.

— Diabos te levem, dizia ele entrando, logo de manhã cedo, no alpendre do vizinho que, ao vê-lo entrar assim esbaforido, ficou com o machado, com que escavacava uma acha, levantado no ar — diabos te levem mais a lembrança que tu tiveste!

O filho da tia Maria das Neves pousou o machado no chão, e, apoiando sobre o cabo as mãos, ficou a olhar para o Brasileiro, sem pestanejar, como quem não compreendia nada do que ouvia; até que, passados momentos, perguntou, meio parvo, ao Brasileiro que passeava apressado de um lado para o outro no alpendre, retorcendo com uma das mãos o bigode:

— Que lembrança?!

O Brasileiro parou, e, olhando para o Neves, respondeu mal humorado.

— Essa lembrança maldita que tu tiveste de eu ir perseguir essa rapariga que, afinal, estava mais pura que a tua língua e as de toda essa canalha que dizia mal dela!

E continuou a passear agitado de um lado para o outro.

O Neves abriu os olhos e a boca de espantado, meio aparvalhado, e, depois de seguir maquinalmente com a vista, durante um bom meio minuto, os movimentos do Brasileiro, gaguejou:

— Mas... Vossa senhoria fala sério?!...

— Antes não falasse! resmungou o sr. Veloso, como falando consigo, e colocando, sem interromper a sua marcha, as mãos atrás das costas.

Seguiu-se um silêncio igual, em que apenas se ouvia o ruído dos passos do Brasileiro caminhando no pavimento térreo do alpendre.

O Neves tornou a interromper o silêncio, perguntando:

— De maneira que a rapariga... não...

— A rapariga estava honrada como as mais honradas! É o que é!

Novo silêncio. Foi ainda o Neves quem o interrompeu, dizendo numa espécie de lamuria, muito pausado e sentencioso:

— Ora vejam vocês como ás vezes uma pessoa padece injustamente!... Quem havia de dizer!... Que ela tinha sido esta, tinha sido aquela, que se portava assim, se portava assado!... Já me não torno a fiar em nada que se diga!

— Pois se tu assim tivesses feito!...

O Neves calou-se aquela observação, feita à maneira de censura.

“Efetivamente, pensava ele consigo, eu é que fiz mal em o meter em contradições! Mas... sebo! Eu não sabia! Nem tenho culpa do que se dizia! Sou culpado e não sou!... Mas... que raio de história! Que diabo de mal tem isso?”

Foi sob a influência desta última reflexão, que quebrou de novo o silêncio, dizendo resolutivo:

— Afinal... vossa senhoria está para aí com uns tais incômodos por causa de uma coisa que não presta para nada! Desonrou a rapariga, acabou-se! Uma coisa muito natural! Vossa senhoria também ficou desonrado?

O sr. Veloso parou, e, olhando para o vizinho, retrucou:

— Tu é que não sabes as coisas. Não é a desonra que me incomoda! Já não é a primeira, nem a segunda, nem... eu sei lá! O diabo é que a nenhuma fiz promessa, sob minha palavra de honra, de casar, caso a encontrasse pura, senão a esta. E eu, o que mais prezo neste mundo, é a minha palavra. Depois, ainda que não fosse isto, bastava só o remorso de lançar no desespero esse belo rapaz, sem necessidade nenhuma. Tudo por causa dessas malditas línguas, que precisavam ser arrancadas, todas as vezes que se põem a falar da vida alheia!

— Oh! senhor! Mas então...

— Então, o quê?

— Quero eu dizer que... — replicou o Neves coçando na cabeça, contrariado — que, se não quer faltar à sua palavra...

— Sim: e a outra?

E voltou a passear.

— A outra?! Também lhe deu a palavra de honra?

— Não lhe dei a palavra de honra, mas jurei-lhe por Deus que lhe havia de dar a felicidade, respondeu o Brasileiro com voz abafada, sem se deter no seu passeio. E acrescentou — Além disso, a essa amo-a deveras!

O Neves, perplexo, olhava para o chão, sempre com as mãos apoiadas no cabo do machado.

— Na verdade, foi uma dos diabos!... E agora, que tenciona vossa senhoria fazer?

— Eu sei lá! Tenho dado voltas à mioleira, que nem sei como não endoideci. Esta noite, quase que nem preguei olho. Se pudesse casar com elas ambas, casava.

— Mas o melhor é chamá-las a um acordo, e não casar com nenhuma...

— Qual acordo, nem meio acordo! És pateta, homem! Bem se vê que não tens prática nenhuma de mulheres. Engalfinhavam-se uma na outra, que era o cabo dos trabalhos.

— Que diabo! Se se pudesse chamar essa gente toda a um acordo... Contar-lhe tudo, a boa intenção que vossa senhoria tinha de salvar o rapaz da desonra... finalmente, um acordo é que servia. Vossa senhoria está contra isso, mas é cá a minha ideia, e talvez desse resultado. Porque, combinadas as coisas, tudo ficava em casa, e...

O sr. Veloso parou, e refletiu; depois respondeu:

— Parece que dizes bem. Contarei primeiramente à Helena o sucedido. É uma facada que lhe dou no coração, mas que se há de fazer? O diabo é para o contar ao irmão. É capaz de matar a outra.

— Levando-o por bem, não faz nada. É um pobre diabo!

— Bem. Não há remédio senão fazer isso. Esta só pelos demônios!

— Não foi das melhores, não, sr. Veloso.

— Porque afinal, mesmo que eu deixasse a Maria Luiza, o rapaz, vindo a saber depois a traição dela, levava-se dos diabos! Bom: vou até casa. Foste o culpado de tudo isto; mas, como foi na tua ignorância, perdô-te. Senão, tinhas de desemaranhar a meada.

— Oh! senhor! Pois eu... estava convencido, porque era tudo cheio! E ainda estou a pensar num caso: como diabo é que o João da Alameda se conteve, indo lá a casa todas as noites... Tareco impossível! Mas... ó senhor Veloso! Vossa senhoria não se enganaria?

O Brasileiro sorriu-se como um individuo que, perito num assunto, ouve uma objeção; e, retirando-se, observou:

— Pensas que nasci ontem...

O Neves riu-se por sua vez; e, já sozinho, monologou, respondendo à observação do Veloso:

— Sim... Deves estar mais prático nessas coisas do que eu...

E, levantando o machado, continuou a sua tarefa.

CAPÍTULO 14

No mesmo dia, à tardinha, no campo, o João da Alameda gradava uma terra que, durante o dia, tinha lavrado. Lançara-lhe a semente e procedia, com a grade, à cobertura dos grãos.

Á frente do gado andava Paulo, de aguilhada ao ombro, com a sóga numa das mãos.

O tempo continuava claro e sereno.

O imenso tapete de flores que se estendia no campo apresentava já, de onde a onde, uma interrupção: aqui e ali, uma terra, resolvida, sobressaía no meio daquela superfície florida como no azul do céu uma ou outra nuvem pardacenta.

É neste mês que o campo se despe do seu variegado tapete de flores: mas, em substituição, cobre-se de uma camada de milho verde que, agitado pelas brisas, nos dá a ideia de um extenso e placidíssimo lago mansamente encrespado pelo vento brando. E no meio desse pitoresco lago de verdura — permitam-me a expressão — aparecem, de onde a onde, como bandos de cisnes, ranchos alegres de rapazes e raparigas; eles, despídos dos casacos, com as camisas brancas a luzir entre o verde dos milharais; elas, de lenços garridos amarrados graciosamente em volta da nuca flutuando ao sopro da aragem; todos cantando, sacham o milho pequenino e tenro, desde o despontar do sol até ao crepúsculo da tarde. à hora da sesta, depois da refeição do meio dia sorvida à sombra deliciosa dos salgueirais, uns estiram-se para dormir sobre a relva mimosa, outros, colocando-se em círculo, jogam qualquer jogo de regaço, sempre em alegria e folgança honesta; e ainda outros, mais irrequietos e folgazões, saltam para um desses bateis que se encontram a cada passo atracados às margens do Vouga, e vão passear pelo rio.

O João da Alameda terminou a sua tarefa ao pôr do sol. Colocaram a charrua e a grade sobre o carro, jungiram as vacas, e puseram-se a caminho de casa, Paulo à frente, guiando o carro, e João atrás.

Ao passar à porta da Maria Luiza, João olhou para a janela onde ela, todas as tardes, costumava estar, e não a viu.

— Está talvez lá para o quintal, pensou. Pois vou fazer-lhe uma surpresa!

E, com um sorriso de satisfação, meteu por uma cancela contigua à casa, pé ante pé, esperando encontrá-la e rir-se de a ver surpreendida.

Espreitou para dentro e não viu ninguém. Maquinalmente, entrou no pequeno quintal, e parou. Viu a porta, que dava para a cozinha, aberta, e dispunha-se a entrar, quando lhe pareceu ouvir um sussurro de vozes vindo de um pequeno alpendre que estava ao lado do quintal.

— Ah! Está ali mais a mãe. Pois vou meter-lhes um sustozinho.

E dirigiu-se para lá, com precaução, para não ser pressentido.

O alpendre era constituído por um telheiro formado de duas paredes: a do fundo, e a lateral, que era a mesma da cozinha, e no angulo oposto ao formado por estas duas paredes havia um pilar construído de lajes. Os vãos entre o pilar e as paredes estavam vedados por taipais de madeira. Num destes havia uma porta, e João ficou um tanto surpreendido ao vê-la fechada, devendo ser mãe e filha que lá estavam. Mas, de súbito, percebeu que uma das vozes era de homem, ao mesmo tempo que o seu coração começou a pulsar precipitadamente.

Avançou até junto da porta, e escutou.

Ouviu a voz de Maria Luiza, compungida, que dizia:

— Sr. Veloso! Que Deus me perdoe o passo que dei! De ontem para cá, tenho chorado talvez mais lágrimas que em todo o resto da vida. Eu não devia fazer o que fiz. O remorso pesa-me na consciência duma maneira que não me deixa sossegar o espírito.

João da Alameda agarrou-se com uma das mãos a um barrote, e com a outra esfregou os olhos, como querendo certificar-se de que realmente não sonhava. Lívido, os lábios trêmulos, conservou-se no seu posto a ouvir a mesma voz que prosseguia:

— Deve compreender a infelicidade que me espera, se acaso não tiver piedade de mim, se não cumprir o juramento que me fez!

— Nada mais prezo neste mundo que a minha palavra, Maria, respondeu a outra voz, a do Brasileiro.

— Infames! murmurou, com os punhos cerrados, o João, lutando no seu intimo contra a tentação de arrombar aquela porta. Homem infame, e infame mulher! E, voltando-se, desvairado, com os punhos apertando a cabeça, cambaleando, murmurava:

— É assim que pagas tantos sacrifícios que fiz por ti, mulher ingrata?! Tanta dedicação, tanto amor?!...

E, chorando como uma criança, olhou mais uma vez para o alpendre. Depois, como tomando uma resolução, continuou:

— Não! Não quero manchar as mãos no sangue de um bandido! Que ganho com isso? E, como um ébrio, voltou pelo caminho que tinha tomado.

Era quase noite, e perto da casa de Maria passou pela mãe desta, cuja saudação não ouviu.

Alguns homens que, de volta do trabalho, recolhiam a casa, e algumas mulheres, de cântaro à cabeça, davam-lhe as boas noites, que ele não retribuía.

Tinha sempre, para cada saudação, um dito gracioso acompanhado de um sorriso; e daquela vez passava como um desvairado, o passo vacilante e apressado.

Ficavam-se a olhar para ele por momentos; depois, encolhendo os ombros, continuavam o seu caminho.

João, quando chegou a casa, não tratou de ver, como era seu costume, se o gado estava recolhido e os utensílios de lavoura que tinham servido nesse dia estavam acondicionados. Entrou na cozinha, deu sorumbaticamente as boas noites, pediu que lhe levassem ao quarto uma escudela de água morna para lavar os pés, e, alegando uma violenta dor de cabeça, despediu-se do pai e recolheu à alcova.

— Queres que te traga a ceia, João? perguntou-lhe Helena quando lhe foi levar a água.

— Não; não quero. Não me apetece comer.

— Eu não sei o que tens, João! O Paulo diz que não te tinhas queixado no campo de incomodo nenhum. Diz que só se foi que te desse pelo caminho: que ficaste atrás...

— Pois foi no caminho. Olha, vou dizer-te uma coisa, que talvez te não seja muito agradável, embora pretendas negá-lo...

— Que é? perguntou Helena com ansiedade.

— É o seguinte: mas digo-to só a ti, para não causar barulho, porque és tu só quem pode fazer o que te peço.

E, esforçando-se por dar serenidade à voz que lhe tremia, prosseguiu:

— Esse Brasileiro, esse maldito Brasileiro que aí costuma vir, que nunca mais aqui apareça!

- Ah! pois tu... — perguntou Helena, meia aterrada. Não queres que...
- Sim! Que não volte cá mais, para evitar alguma desgraça!
- Ó João! Mas... dize lá: como o soubeste?! — E, entre a ansiedade e a surpresa, repetiu — Como o soubeste?!
- Como o soube?! Oh! Essa é boa! Então, pelo que vejo, tu sabia-lo, e...
- Então viste-lo sair?!...
- Diabo! Estás a modos... Mas se eu vi o quê?!
- O sr. Veloso... Como não queres que ele cá volte, para evitar alguma desgraça...
- Pois vi! E tu sabia-lo, e não mo tinhas dito!
- Se eu o sabia?! Mas eu não te percebo nem tu percebes a mim!
- Também me parece. Mas tu perguntaste-me se eu o tinha visto sair. De onde?
- Dali, do alpendre. Pois tu ainda agora disseste também que sabias tudo e que tinhas visto...
- Sim... Era isso o que eu queria dizer... E, abafando a cólera que, contra o Brasileiro, a revelação da irmã lhe suscitara, disse:
- E é por isso que eu não quero que ele aqui volte mais. Vai-te embora, que não paro da cabeça.
- Passa bem a noite, João. Até amanhã.
- Até amanhã. E não digas nada disto a ninguém.
- Descansa.

João, ao ficar só, sentiu que tinha febre.

Através das suas ideias em desordem, só dois vultos divisava distintos: Veloso e Maria Luisa. Ele, o ladrão da sua noiva, o roubador da felicidade do seu coração, e, para epílogo de tanta malvadez, o pretendente roubador da... O Pretendente?! Quem sabe?! E esta última observação saiu-lhe distintamente expressa por palavras, tal foi o abalo que sentiu dentro em si.

— Ah! Infame! Não! Tu não hás de ficar impune! Hei de castigar-te de tanta malvadez! Miserável!...

E, fazendo depois incidir o pensamento sobre a ingrata que calcara tão desapiadadamente aos pés o seu verdadeiro amor, a sua dedicação extrema, atirou-se, soluçando convulsivamente, sobre a cama, chorando como uma criança.

Nessa noite, Helena prevenia o Brasileiro de que era preciso muita cautela com o irmão, que o tinha visto sair dali.

— Temo até que ele venha por aí ainda hoje, Joaquim! Diz que está com uma forte dor de cabeça; mas, ainda assim...

E o sr. Veloso, que vinha disposto a relatar a Helena os acontecimentos que, desde a véspera, tanto o apoquentavam, achou mais conveniente adiar a confidência.

— Mas quando hei de voltar, Helena?

— Não sei... É melhor deixarmos passar dias... O melhor, até, Joaquim, era tu chegares ao pé de meu irmão e dizer-lhe: “descansa, João, que a tua irmã vai ser minha mulher”. Oh! Joaquim! Quanto eu seria feliz!

— Por estes dias, não, Helena. O motivo, depois t'o direi. Mas confia em Deus, e pede-lhe que nos auxilie para alcançarmos a felicidade.

— Pedir a Deus? Pois Deus pode lá opor-se à nossa felicidade, Joaquim? Deus deseja-o, e por isso não precisa que lhe peçamos! Só se for para meteres a mão na tua consciência, e...

— És louquinha, meu anjo. Jureit'o. E que Deus me auxilie no cumprimento do meu juramento.

— Sim. Juraste-me que me havias de dar a felicidade. Queres então que peça a Deus para que te auxilie no cumprimento de tal juramento?

— Quero.

— Pois bem: pedir-lhe-ei... O coração, porém, anuncia-me coisas tão tristes!... Parece-me que nunca serei feliz a teu lado, Joaquim!

— Se Deus o consentir, hás de ser!

— Mas eu não compreendo bem as tuas palavras!...

— Não disseste tu que era conveniente que eu me retirasse por causa de teu irmão?

— Sim; mas...

— Mas é que o que te quero dizer, só poderei dizert'o com mais sossego. Amanhã, venho cá e...

— Não venhas... Ou antes: esconde-te aí pela rua, ao largo, e só te aproximases eu abrir a portaria. Então, é porque meu irmão não saiu.

— Bem. Boa noite, Helena.

— Adeus, Joaquim! Até... quando Deus quiser!

CAPÍTULO 15

No dia seguinte, ao toque das almas, João da Alameda envergava o seu capote e, pegando no marmeleiro — seu inseparável companheiro noturno — saiu de casa. Deu a volta à Herdade, no que gastou cerca de um quarto de hora, e, na volta, na estrada dos eucaliptos, se se tivesse afirmado bem para um ponto do escuro das árvores, teria notado uma negrura mais densa. Fora o Veloso que escolhera aquele ponto para seu posto de observação, donde se descortinava, através da negrura daquela noite sem luar, o vulto da casa de Helena, divisando-se no seguimento da estrada esbranquiçada e sobre o fundo do céu alumiado pelas estrelas.

João passou e, próximo de sua casa, coseu-se com a escuridão do cômodo fronteiro.

O Brasileiro, no seu posto, não ousava respirar mais fortemente.

Um silêncio sepulcral se seguiu. Nem um sussurro de vento se ouvia nas folhas das árvores.

Passou-se meia hora, e mais outra. As dez horas soaram, lentas e quase imperceptíveis, na torre de Eirol.

Às dez e meia, João saía do seu esconderijo e metia-se em casa.

Um quarto de hora depois, o Brasileiro punha-se também a caminho, e nada mais se ouviu na estrada deserta.

O sr. Veloso, com a preocupação de espírito que lhe causaram estes acontecimentos imprevistos, e consumido no seu íntimo por não saber que resolução havia de tomar, pois, enquanto não entrevistasse Helena acerca do sucedido, nada poderia resolver, faltou à entrevista na tarde do dia seguinte a Maria Luiza.

Esta que, no dia antecedente, ocultava a sua mãe as lágrimas que o remorso lhe fazia verter, chorava agora com ela as suas infelicidades, atribuindo a causa das suas lágrimas à ausência de João, cuja causa não compreendia.

Sua mãe acalentava-a, insuflando-lhe esperança no amor de João que, se faltara um dia, algum incomodo lhe sobreviera, porque na véspera, à hora das Ave-Marias, encontrara-o próximo dali, quando ele voltava do campo, e não respondera à sua salvação.

— Sentia-se talvez incomodado..., acrescentava.

— A mãe que diz?! Encontrou-o...

— Encontrei-o ali acima.

— Ontem?! E a que horas?... perguntou Maria com expressão de terrível ansiedade.

— Ao toque das Ave-Marias.

E Maria, alanceada por uma suspeita que lhe oprimiu dolorosamente o coração, ocultou o rosto nas mãos, debulhando-se em lágrimas.

A esse dia seguiu-se outro de crescente ansiedade e sofrimento para Maria Luiza, durante o qual nem falar ouvia de Veloso, nem de João, de quem se recordava com o coração amargurado e a alma mortificada pelo remorso.

Sua mãe, que ignorava por completo a traição que sua filha perpetrara a João, atribuía as lágrimas de Maria ao sofrimento que lhe devia causar a ausência de quem não tinha a menor notícia, porque não ousava interrogar ninguém a seu respeito, para se não expor a algum riso irônico; e, não achando outro remédio que pudesse aliviar a aflição em que a via, resolveu, sem o comunicar à filha, ir a casa do tio Alameda saber da saúde de João, pois outro motivo não podia haver que o impedisse de sair, senão a doença.

Custava-lhe muito isso, mas, como João tinha já dito que seu pai não opunha obstáculo algum à afeição do seu coração, encheu-se de ânimo, e foi no mais firme propósito de expor ao tio Alameda as razões imperiosas que obrigavam o seu coração de mãe a dar aquele passo, que ao terceiro dia, se dirigiu para lá, eram dez horas da manhã.

Encontrou o velho sentado no alpendre a aparar um pedaço de pau de sobreiro para uma chavelha.

— Sr. José, Deus vos dê muito bom dia!

— Muito bom dia, sr.^a Rita.

— Deve admirar-se de me ver por aqui, não é verdade?

— Com efeito, é uma novidade. Há que anos vocemecê cá não vem! E há que tempos também que a não vejo!

— Não admira... Eu, passo a vida lá em baixo, quase nunca venho cá para cima...

— E, nem que viesse, também me não veria facilmente. Eu não saio do meu aido, porque já não posso, estou velho.

— Está acabado. Velho não. Mas ao menos tem a consolação de viver em sossego, com os filhos ao pé de si, que lhe querem muito.

— Pois eles, coitados, não têm motivo para me quererem mal. Fiz por eles o que pude...

— Decerto. Foi sempre bom pai para eles. E eles, também, têm sido uns bons filhos.

— Graças a Deus... Não saíram dos piores, não senhora.

— Olhe, sr. José: com'assim, para o não estar a maçar mais, vou dizer-lhe o motivo que me trouxe aqui...

— Dirá...

— Sei que o sr. José não é desconhecedor da afeição do seu filho João pela minha filha, e da grande generosidade que ele tem praticado para conosco, que Deus sabe o que seríamos agora se não fosse o seu bom coração...

— Sei. Ele, coitado, tem um bom coração, lá isso tem! Mas admito-lhe isso, porque, enfim, parece que a sua filha não é nenhuma ingrata que não reconheça a dedicação dele, e não deixa de ser digna disso, apesar do que para aí diziam...

— Línguas do mundo, sr. José! Línguas do mundo! Sabe como é o mundo, e por isso...

— Sim! O mundo inveja sempre a pouca sorte que um pobre tenha! Se é um rico, quanto mais favorecido da sorte, mais venerado é. Enquanto que um pobre...

— Pois é isso mesmo. Ora, como eu lhe ia dizendo, o seu filho ganhou uma grande afeição à minha Maria, e, até hoje, há já sete meses, faltou só três vezes à noite em minha casa, onde a vai visitar: foi na noite de Natal — na noite de ceia — e ontem e anteontem. Como faltou estes dois últimos dias sem nós sabermos o motivo, a rapariga tem-se lá desfeito em chorar, que até me retalha o coração.

— Pois olhe que eu não sei o motivo...

— Então ele não está doente?!

— Não. Anteontem à noite é que, ao chegar do campo, queixou-se de umas fortes dores de cabeça, e foi-se deitar sem ceia. Mas ontem, logo de manhã, levantou-se e foi para o trabalho.

— Sim?!

— É verdade.

E a mãe de Maria Luiza teve de retirar-se, mais preocupada ainda do que viera, não contudo sem pedir ao velho que expusesse ao filho a ansiedade de sua filha, que não podia adivinhar a causa de tal procedimento.

Quando, ao meio dia, João e Paulo chegaram, de enxada ao ombro, do trabalho, o pai chamou João ao alpendre e participou-lhe que a mãe de Maria Luiza tinha ido havia pouco tempo dali, onde tinha vindo, muito contristada, saber a razão porque ha dois dias ele não dava parte de si à filha que outra vida não fazia senão chorar.

— Sim? perguntou, ironicamente João. Coitada! Pois que chore, que quanto mais chorar menos urina! A mãe quer saber a razão porque lá não vou? Pois que o pergunte à filha, que o sabe tão bem, ou melhor, que eu!

— Vê lá, João! Não sejas injusto. Deixar-te-ias agora por último levar por contos...

— Não, meu pai. Tenho muita razão para assim proceder, e outro, no meu lugar, procederia de outra forma.

E o tio José, por sua vez, ficou também impressionado com as palavras do filho, sem outra conclusão ter tirado que a suspeita de qualquer acontecimento grave que viesse transtornar a felicidade daqueles dois seres que tanto se amavam.

Nesse dia, à tardinha, um mendigo entregava ocultamente uma carta a Helena.

Esta, em virtude dos acontecimentos que a impediam há três dias de falar com Veloso, e preocupada, além disso, com as palavras dele, cuja significação não alcançava e traziam o seu coração amargurado por uma terrível angústia, tinha emagrecido.

O corpo ressentia-se do sofrimento da alma. Recalcando no seu íntimo a dor que a pungia, esse esforço ia a pouco e pouco afetando-a fisicamente. Uma única consolação encontrara para a mágoa: as lágrimas — esse terno confidente dos infelizes — que vertia a sós na reclusão da sua alcova, que lhe aliviavam as amarguras do coração mas lhe desbotavam as cores do rosto e tarjavam de roxo as cavidades dos olhos.

Foi num mal dissimulado alvoroço íntimo que recebeu das mãos do mendigo a carta, vinda da parte de Veloso.

Correu ao seu quarto e leu:

“Minha querida Helena: Há três dias que passo uma vida tão cheia de tristezas, que não podes imaginar. Na esperança de te falar, todas as noites vou pôr-me à espreita da tua casa, a ver se vejo abrir-se essa portaria que é para mim a porta do céu. Em vez, porém, de te ver aparecer como o meu anjo salvador, vejo teu irmão, que me espia, esconder-se na escuridão do muro fronteiro, e, depois de, durante cerca de duas horas de cruel expectativa, me conservar no meu posto de observação, vejo-o retirar-se.

Á minha tristeza motivada por te não ver, junta-se a ansiedade que tenho de te comunicar um segredo. Este é de tanta importância, minha Helena, e vai, com certeza, ferir de tal modo o teu coração bondoso, que até receio de o confiar a uma carta. Mas farei as diligências para que esta chegue ao seu destino; e, visto que não tenho outro meio de comunicar-to, princípio, pedindo-te que conserves a maior presença de espírito e confies em Deus para que não te faça desanimar à vista do que vais ler.

Quando cheguei do Brasil a esta terra, corriam por aí uns boatos a respeito de teu irmão que se apaixonara por uma rapariga chamada Maria Luiza, que eu não conhecia. Dizia-se que ela fora uma mulher leviana, e que por isso não era digna da dedicação de teu irmão, um rapaz querido e estimado de toda a freguesia; que este perdia muito no seu conceito se casava com ela, segundo constava. Como não me interessava com o caso, apenas lamentei a sorte de teu irmão, com quem eu não tinha relações.

Depois, porém, que te conheci, que te comecei a amar com este amor louco que te dedico, pensei no caso, e achei que era necessário, para honra dele e minha, porque era irmão da minha noiva, afastá-lo do caminho errado que trilhava.

Resolvi eu próprio ser o seu anjo salvador. Convencido como estava, pelos boatos que corriam, de que Maria Luiza tinha sido uma fraca mulher, e que agora se mostrava outra para conservar teu irmão na ilusão em que andava, resolvi que ela resvalasse ao lodaçal de outrora, para que teu irmão, abrindo os olhos, visse a desgraça que estivera iminente de si.

Consegui, com efeito, graças ás minhas promessas, o meu intento. Jurei-lhe até que casaria com ela, se ela estivesse isenta das manchas de que a acusavam. E... cruel decepção! Maria Luiza estava pura, tão pura como tu, minha Helena, quando...”

Helena, que com dificuldade levava a leitura da carta até este ponto, sentiu uma nuvem toldar-lhe a vista e, amarfanhando a carta, caiu de bruços sobre o leito num choro convulsivo, murmurando em delírio, a voz cada vez mais apagada:

— A lua estava tão triste!... Um mocho, a piar mais triste, fez-me calafrios... E ele jurou-me que eu havia de ser feliz, muito feliz!.....

Quando voltou a si, o medico, com a sua peculiar expressão de bondade, tateava-lhe o pulso, e ela, deitada no leito, olhou em roda, com olhar ansioso, e perguntou ao pai, sentado à cabeceira da sua cama:

— Pai?... A carta?...

— Está aqui, minha filha. Sossega. A agitação faz-te mal; não é verdade, sr. doutor?

— É verdade. Ela quer muito sossego de espírito. É o único remédio que lhe receito.

— É coisa de cuidado, sr. doutor? perguntou, profundamente comovido, o velho.

— Não. Não vale de nada. Amanhã pode levantar-se. Mas hás de estar muito sossegadinha hoje, ouviste?

Quando o medico se retirou, Helena perguntou ao pai:

— Leu essa carta, meu pai?

— Filha da minha alma, não ouviste o que disse o senhor doutor? Não te preocupes com a carta, porque te faz mal. Sossega...

— Estou boa, meu pai. Além disso estou resignada. Pareceu-me ouvir em sonhos uma voz que me animava e que me dizia que ia ser muito feliz: mas que

era preciso abandonar o mundo, porque a verdadeira felicidade não é aqui. Já vê que não agito o espírito a modos de me fazer mal.

— Mas não fales mais nisso. Amanhã falaremos e...

— O pai leu a carta toda?

— Li... Quis saber o motivo do teu desmaio... e até quem a leu foi o João.

— O João?! E que disse?!

— O João está sossegado. Está na cozinha. Mas peço-te por amor de Deus que não fales mais nisso hoje.

E, pegando-lhe numa das mãos, acariciou-lha, enquanto, com as lágrimas nos olhos, dizia:

— Faz-me a vontade, sim, filha?...

Helena prometeu: mas pediu-lhe ainda que queimasse a carta, cuja leitura não queria terminar. O pai fez-lhe a vontade.

CAPÍTULO 16

Levantou-se na aldeia uma celeuma contra o Brasileiro, que, no dizer de toda a gente, era um sedutor de donzelas.

Dois dias volvidos sobre os últimos acontecimentos, durante os quais o Brasileiro não abandonara à noite o seu posto de observação, toda a freguesia, conhecedora dos sucessos que ele causara, aumentados, naturalmente, pela fantasia popular, murmurava indignada contra esse homem que viera, com a presunção do seu dinheiro, interromper a paz e o sossego da aldeia e lançar a desgraça no seio de uma tão boa e santa gente.

A própria Maria Luiza, o espírito do mal até aí, passou a ser a pobre avezinha da silveira arrebatada nas garras do gavião.

Nos dois dias que se seguiram aquele em que Helena recebeu a carta de Veloso, este, à mesma hora, fora para o mesmo ponto da alameda dos eucaliptos, na esperança de que Helena, quando o irmão desistisse de o perseguir, aparecesse à porta.

Porém, naquelas duas noites seguintes, a decepção do Brasileiro foi indizível, quando não viu aparecer João a vigiá-lo, nem tão pouco Helena dava sinal de si.

— Que se terá passado?... pensava, ao retirar-se.

Os dias passava-os em sua casa e na do vizinho, que lhe comunicava as impressões que a seu respeito ocupavam o espírito popular.

Era a única pessoa com quem o Brasileiro tinha conversas deste teor: nem sua própria mãe, que ás vezes lhe queria manifestar os seus queixumes da vida lamentável que ele levava, obtinha licença para lhe tocar nesse ponto.

Ele começou a sentir remorsos da sua conduta.

Receando os olhares estranhos como se ejaculassem raios de um fogo devorador, ele não se atrevia mesmo já a aparecer na presença dos obreiros que se ocupavam na construção da sua nova habitação.

— Ó senhor Veloso! dizia-lhe o Neves chegando esbaforido na manhã do terceiro dia. Uma novidade de alta importância: o Alameda ficou sem filho nenhum em casa! Ficou com ele o moço, mais aquela rapariga que lá tem, filha do falecido João da Junqueira, e dizem que vão casar para ficar na companhia do velho...

Mas o Neves achou inútil continuar, a não ser que quisesse falar para as paredes, porque o Brasileiro, a meio do discurso, rodou nos calcanhares, e, como um ébrio, sem dizer palavra, deixou o vizinho embasbacado a olhar para ele, falando consigo:

— Mas onde diabo irá ele?... Pois sim! Vai depressa que ainda vais a tempo! Onde irão eles já!

E depois, como um individuo que reflexiona com acerto, disse com ar de presunção:

— Ora aí está para que diabo serve o dinheiro! Se ele fosse pobre como eu, sucedia-lhe isto? Olha lá se eu me incomodo com nada! Não tenho dinheiro; assim, as mulheres não esperam nada de mim, por isso não deito a perder ninguém! Nem me perco a mim!...

O Brasileiro, como um alucinado, penetrou no pátio do tio Alameda.

Parou, olhou em roda, e não viu ninguém. Chorou então ao ver-se só naquele recinto, onde cada objeto despertava na sua memória uma saudade do dia em que pela primeira vez ali entrou, e arrancava ao seu coração uma gota de sangue que lhe assomava aos olhos transformada numa lágrima.

A porta da casa estava fechada; e ele, não podendo resistir à desolação do seu coração, sentou-se no tronco de uma oliveira que estava estendido no pátio.

Apoiou a frente sobre as mãos e deu curso ás lágrimas que lhe afluíam aos olhos.....

Meia hora depois, sentia que lhe tocavam num ombro.

Olhou, e viu na sua frente, ao pé de si, o tio Alameda, a olhá-lo com um olhar velado por uma profunda angústia e cheio de ternura.

Instintivamente, estendeu para o velho os braços e cingiu-lhe os joelhos, proferindo estas palavras com desalento:

— Perdão! Perdão para um infeliz!

O velho, tentando erguê-lo, disse, com as lágrimas rolando pelas faces enrugadas:

— Levante-se! Que Deus lhe perdoe, assim como eu lhe perdôo.

O Brasileiro ergueu-se, e, com voz trêmula e angustiada, perguntou:

— Helena para onde foi?!

— Helena foi procurar a felicidade que o senhor lhe não podia dar. Morreu para mim e para o mundo.

— Para um convento?!...

— É verdade! E meu filho partiu na companhia dela com tenção de embarcar para o Brasil. Acompanhou-os o nosso bom e santo prior, que prometeu interná-la num recolhimento.

— Oh! Isto é cruel!

— Sim! É cruel, para um pai que, de um instante para outro, se vê privado da companhia de seus dois queridos filhos. Um, para nunca mais voltar. Outro... quem sabe?! Talvez também para nunca mais me tornar a ver, nem voltar a esta casa onde viveu vinte e cinco anos tão feliz e contente!

Os dois choravam. O Brasileiro não ousou interromper as lamentações do velho, que prosseguia:

— O senhor está vivo graças ás minhas lágrimas que puderam conter o braço armado de meu filho. Agora, que Deus o reservou, não queira continuar na sua senda de opróbrios por onde tem caminhado. Ainda pode compensar uma parte

desta serie de infelicidades que causou. Arrependa-se do passado, e faça por esquecê-lo com um futuro glorioso. Eu, pela minha parte, perdô-lhe; Helena, que tem um coração de ouro, também lhe perdoará, e meu filho da mesma maneira. Falta só Deus. Para conquistar o seu perdão, faça o que eu já lhe disse: salve o passado com o futuro.

— Mas Helena... como poderei obter o seu perdão, se...

— Deus lhe transmitirá a sua prece. Não precisa de o ouvir, para lançar sobre a sua memória o perdão que se concede ainda aos maiores criminosos.

O Brasileiro estendeu ao velho a mão, e, com firmeza e resolução, disse:

— Aperte esta mão: é a mão de um reabilitado.

E, conservando apertada na sua mão mimosa a mão rugosa do velho, continuou, com voz pausada:

— Fui criminoso; mas fui um criminoso inconsciente. Farei como o senhor me diz e como me dita a minha consciência, procurando no futuro regenerar-me do passado. Se, até aqui, o meu dinheiro tem sido olhado como um instrumento criminoso para eu conseguir fins vergonhosos e desonestos e como uma base tosca sobre a qual eu edificava, sem olhar para o berço pobre onde nasci, o meu castelo de opulência, quero que para o futuro seja olhado como um maná celeste que, descendo ao seio da miséria, vá mitigar a angústia dos necessitados. Quero que ele seja a alavanca que me erga do lodaçal em que me sepultei. Já que eu, nascido na pobreza, tive a sorte de me elevar de modo a poder estender as azas na mesma camada atmosférica onde os ricos se libram sem lançar um olhar para baixo a contemplar, com olhos de piedade, as lutas cruciantes da miséria, eu quero, então, descer dessa altura para penetrar nos tugúrios pestilentos, nas espeluncas, para alimentar quem tem fome, aquecer quem tiritava de frio, e secar as lágrimas de quem chora.

O velho abraçou-o comovido, e acrescentou:

— E desse modo será amado dos homens e abençoado de Deus; e subirá mais alto, muito mais alto do que aqueles que, conservando-se lá em cima, não lançam um olhar de misericórdia cá para baixo!

CONCLUSÃO

Três anos depois erguia-se, no sopé de um outeiro de suave declive, uma casa de aparência suntuosa, dominando, como uma rainha, a planície que, semeada de casinhas pobres de lavradores, se estendia na sua frente.

O outeiro era revestido em toda a volta do seu sopé por pâmpanos verdes de vides que o engrinaldavam como uma imensa coroa de verdura que estremecia sob o sopro da viração; e no seu planalto estendia-se um pinheiral de pinheiros miúdos e distanciados que cresciam por entre um tapete de urzes floridas, dando, visto de longe, a ideia de um jardim suspenso de Babilônia.

Edificada na face oriental da falda, aquela casa, afagada logo de manhã pelos raios alegres do sol despontando ao longe por detrás da serra do Caramulo, bafejada pela amenidade da natureza sorridente que a cercava, parecia uma daquelas vivendas fantásticas que nós, quando fomos pequenos, antevíamos através da nossa imaginação infantil, excitada pela narração de um conto de fadas ou de princesas encantadas que nossa avó nos contava ao serão.

Todos os dias, à tardinha, quando o céu era claro e a atmosfera límpida, e o sol pendia esmorecendo para o ocaso, um casal saía daquela vivenda e ia passear pelas veredas do outeiro, contemplando, ditoso, as várzeas sorridentes por onde serpeia o poético Vouga.

Ao passar por ele, os aldeãos descobriam-se respeitosos e cheios de acatamento, envolvendo-o num olhar doce de simpatia e veneração, e às vezes ficavam-se a contemplá-lo com expressão de intimo jubilo até o verem desaparecer na curva de um atalho.

Nunca um mendigo se lhes aproximava que não voltasse com aspecto sorridente, pronunciando palavras de agradecimento.

— São uns santos! São uns santos! murmuravam sempre ao afastarem-se. Deus lhes pague no céu o bem que fazem, cá no mundo!

Igualmente a porta da casa se conservava sempre aberta para mitigar a fome, a sede ou o frio dos necessitados, e muitas vezes, depois que a noite estendia o seu manto negro sobre a aldeia, uma mão esmoler e caritativa saía a ministrar o alento aos infelizes que, por vergonha ou impossibilidade, não ousavam sair do seu tugurio onde se debatiam com os horrores da miséria.

Essa mão que se estendia misericordiosa a acalantar o infortúnio dos infelizes e se subtraía modesta aos ósculos de gratidão, era de Maria Luiza, a esposa do dono daquela casa, tão rico como caritativo, que distribuía santamente os rendimentos da sua riqueza.

O tempo passou uma esponja sobre os acontecimentos que, três anos antes, circulando em volta daqueles dois seres, tanto emocionaram a alma popular, e o sr. Veloso é agora a caridade personificada, amado dos infelizes, respeitado por todos os que o conhecem.

Um velho, alquebrado e arrimando-se a um cajado, de andar pesado e de cabeça calva, com o olhar velado por uma tristeza profunda, vem quase todos os dias passar alguns momentos com eles.

Esse velho é o tio Alameda, que nos últimos três anos envelheceu mais que em todo o resto da vida.

Privado dos afagos dos filhos que a infelicidade arrebatou da sua companhia, minora o seu sofrimento com os carinhos que lhe prestam esses dois seres — Paulo e Júlia — que a Providência lhe atirara pela porta dentro, para encontrarem no seu coração o que tão cedo lhes faltara.

Seus filhos, ao partirem, tinham-lhe dito, como Cristo, da cruz, à sua Mãe: “aí lhe ficam os seus filhos. São dignos do seu amor; por isso, conserve-os na sua companhia”.

E o tio Alameda, amando, aqueles entes como seus filhos, sentiu a necessidade dessa companhia. Resolveu, no seu íntimo, casá-los.

Chamou um dia Paulo à parte, tinha ele já dezenove anos, e perguntou-lhe:

— Paulo, eu amo-te como a um filho. Amo também Júlia como se igualmente fosse minha filha. A separação dos meus verdadeiros filhos da minha companhia abriu-me a sepultura, e a vossa separação agora atirar-me-ia para ela. Convém que vós vos não separeis de mim nos últimos dias da minha vida. Vou perfilhar Júlia; a ti talvez não, porque tenho uma ideia que, se concordares com ela, dispensa isso. Queres casar com Júlia?

O pobre rapaz, como não querendo acreditar no que ouvia, abriu os olhos, sem poder responder à pergunta que o velho lhe fazia.

— Responde. Parece que ficaste espantado? Queres ou não casar com Júlia?

— Se quero!...

Nestas palavras, proferidas quase instintivamente, traduziu toda a paixão da sua alma, manifestou quanto amor ocultara durante dois anos no seu peito.

— Bem! disse o tio Alameda cheio de contentamento. Pela tua resposta, vejo que gostas dela a valer, não é verdade? Não sabes quanto estou contente com isso. É preciso agora saber se é do gosto dela casar contigo. Vai chamá-la.

E Paulo, não cabendo em si de alegre, correu a chamar Júlia.

Esta veio, e perguntou, fitando nos olhos do velho os seus olhos azuis cheios de doçura e de submissão:

— Que quer, pai?

— Perguntar-te simplesmente uma coisa: se eu quisesse que casasses com Paulo, fazias-me a vontade?

Júlia fitou os olhos no chão, ruborizada, dando naquele silêncio a resposta mais eloquente que lhe podia ditar o seu coração apaixonado.

O velho, compreendendo então nesse momento que o seu desejo era a única felicidade que aquelas duas almas anelavam, sorriu-se jubiloso, e pousando paternalmente a mão na cabeça loira da criança, disse com extrema bondade, pondo-se em pé:

— E tiveste a coragem de me não revelares esse segredo, hein? Vejo que o amas a valer, e não me tinhas dito nada, minha mãezinha?

Júlia levantou para ele os olhos castos, depois olhou para Paulo que a contemplava apaixonadamente, e, tornando a baixar os olhos, sorriu com candura.

— Está bem; continuou o tio Alameda. Quando o nosso João vier, o que não há de tardar, segundo ele diz, nenhum ano, há de festejar-se a sua chegada com o vosso casamento; e...

O som de uma buzina fez olhar todos para a portaria, onde estava um homem, com uma porção de cartas numa das mãos e um saco de couro a tiracolo.

— Il.^{mo} senhor José Nunes da Alameda!

E estendeu um braço com uma carta na mão.

Júlia correu ao alpendre; e, ao receber a carta tarjada de luto, estremeceu. Olhou para o selo, e reconhecendo que provinha do Brasil, ocultou o rosto no avental, soluçando.

O velho, por sua vez, estremeceu, e perguntou com a voz trêmula:

— Que é, Júlia?! Alguma nova desgraça que nos sobreveio?!...

Júlia tirou o avental de diante do rosto, e aproximou-se, as faces banhadas de lágrimas, estendendo a carta para o velho.

— Seja o que Deus quiser! Lê, filha, lê. Estou resignado com a vontade de Deus!

E, apoiando-se, curvado, sobre o bastão que segurava com ambas as mãos, meneava dolorosamente a cabeça.

Júlia, em frente dele, pálida como um cadáver, rasgou o envelope e desdobrou a carta.

Paulo tinha-se aproximado, igualmente pálido, e, sem proferir uma palavra, colocou-se ao lado esquerdo de Júlia, encostando a sua cabeça à dela e olhando, maquinalmente, numa enorme ansiedade, para as letras que não entendia, porque não sabia ler.

Júlia leu para si a primeira linha, a participação do óbito de João, e, deixando cair os braços, olhou, banhada em pranto, para o velho.

Este ergueu os olhos para o céu, e exclamou com indescritível comoção:

— Meu Deus! Levastes-me os filhos. Seja feita a vossa vontade.

E, estendendo as mãos para os jovens, que estavam na sua frente semelhando os cônjuges em frente do padre, disse:

— Levou-me os filhos, e deixou-me a vós. Sois os meus pupilos, e doravante sereis meus filhos.

Abraçou-os num demorado amplexo, continuando com a voz entrecortada pelos soluços:

— E que Deus abençoe o vosso amor, como eu o abençôo!